



Kósmos

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL

INTERIOR. 20\$000

EXTERIOR. 25\$000

NUMERO AVULSO. 2\$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO II

MARÇO 1905

N. 3

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remetidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085 — Rio de Janeiro.

Para que não continuem as reclamações que diariamente recebemos contra o serviço dos correios, abrimos uma nova categoria de assignaturas - sob registro - para garantir o assignante contra possiveis extravios. Essas assignaturas custarão - Para o interior 23\$000 Para o estrangeiro 28\$000.

KÓSMOS encontra-se á venda nas principaes livrarias do paiz.

São nossos agentes: — Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnoille. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes: — Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia—Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

RUA DA ALFANDEGA N. 24 — RIO DE JANEIRO

Tendo alguns dos nossos agentes nos Estados recusado assignaturas de «Kósmos», pedidas depois da publicação do n. 2, na duvida de existirem na casa editora os dois primeiros numeros, isto para não terem de devolver as importancias, como succedeu no anno findo pelo esgotamento rapido das edições iniciaes, devemos informar que tirámos este anno, justamente para prover a esse caso, uma edição suplementar dos ns. 1 a 3 da serie actual, e que dessa existem ainda em nossas officinas exemplares para servir a novas assignaturas. Desta tiragem especial, não acceitamos pedidos de numeros avulsos. Ficam deste modo respondidas as cartas que a respeito continuamente recebemos.

SUMMARIO

<i>Chronica</i>	<i>Olavo Bilac.</i>
<i>Felix Pacheco</i>	<i>Rocha Pombo.</i>
<i>Arvores da Rua</i>	<i>Mario Pederneiras.</i>
<i>Fertilidade</i>	<i>Coelho Netto.</i>
<i>A Ronda da Morte</i>	<i>Antonio Salles.</i>
<i>Dehiscencia</i>	<i>Rodolpho Theophilo.</i>
<i>Uma tradição religiosa da Bahia.</i>	<i>Xavier Marques.</i>
<i>Elogio da Loucura</i>	<i>Dr. Pires de Almeida.</i>
<i>Historia Patria</i>	<i>Capistrano de Abreu.</i>
<i>Salto San Thiago Dantas.</i>	<i>Capitão Felix Fleury.</i>
<i>Commentarios</i>	<i>Sancho Alves.</i>
<i>Terra Prohibida.</i>	<i>Oscar Lopes.</i>
<i>Ante um cadaver</i>	<i>Daltro Santos.</i>
<i>Pelo Mundo</i>	<i>Silva Marques.</i>
<i>Mestre Valentim</i>	<i>Gonzaga Duque.</i>
<i>Um Amor</i>	<i>Emilio Kemp.</i>

CRONICA



“Uma raça futura, não tendo talvez com a nossa uma só semelhança, ha-de succeder-nos no dominio do planeta. Esses novos senhores da Terra hão-de desprezar-nos ou ignorar-nos. E nós não podemos agora imaginar qual será o

espírito d'esses dominadores futuros, assim como o palæopitheco dos montes Siwalik não poudo prever o pensamento de Aristoteles, de Newton, ou de Poincaré.”

São essas as palavras que fecham o novo livro de Anatole France, “La Pierre Blanche”, — um volume de arte apurada e de melancolica philosophia, em que, sob o pretexto de narrar cousas e factos da vida da velha Roma, o grande escriptor francez analysa e critica, com malicioso scepticismo, todas as complicações da vida universal contemporanea.

Já é n'essa esperança do advento de uma nova humanidade, que se refugia agora o ardente socialismo de Anatole France. Tambem elle, como todos os

que se tem deixado embalar pela utopia do progresso moral, já desespera de poder ver ou prever o inicio de uma regeneração social, — que torne os homens iguaes, senão em intelligencia, ao menos em bondade e em amor da justiça.

A Historia é uma eterna repetição. As paixões essenciaes, que governam o mundo, são ainda hoje as mesmas que o governavam ha cem seculos, quando começou a florescer no valle do Nilo a mais velha das sociedades conhecidas: — o amor da mulher e o amor do dinheiro, a brutalidade e a ambição, a inveja e o medo. Se os homens tivessem de melhorar moralmente, já teriam dado alguma prova d'isso, n'esse dilatado periodo de dez mil annos... O progresso, até hoje, tem sido apenas material; creio bem que, em qualquer sociedade moderna, o numero dos malfeitores, dos egoistas, dos invejosos, dos crueis, é tão grande como no tempo em que o alto guerreiro Medès fundou em Memphis a primeira dynastia egypcia.

N'esses dez mil annos, a humanidade só tem sabido amar com fervor a carnagem. Grandes guerras entre povos, — luctas de fome ou de vingança; e pequenas guerras entre homens, — luctas de inveja ou de interesse. O derrame de sangue tem sido a base de todas as conquistas. Sem sangue, a humanidade ainda não deu um só passo...

Anatole France, que ainda nos seus ultimos livros acreditava no advento proximo de uma nova organização social, fundada no amor e na justiça, acaba de confessar o *krack* da sua crença e das suas esperanças. Porque? — porque deixando a torre de marfim do seu Sonho, sahiu a misturar-se á multidão dos que pelejam nas ruas a batalha politica. Então, cahiu dos seus olhos o véo que os cobria: e elle claramente viu que sómente os poetas, — arredados da vida pratica, vivendo em companhia de ficções, alimentando a sua imaginação com o proprio fogo que a devora, ignorando

KÓSMOS

os moveis baixos que governam os homens, — podem acreditar na utopia da regeneração social... Foi a sua campanha em favor de Dreyfus e foi a sua batalha em prol do ministerio Combes que lhe mataram a illusão: Anatole France é hoje mais um dos muitos Don-Quichotes desilludidos que enchem o mundo.



O Homem explorou toda a Terra, e devassou os mares. Para quê? para dilatar o campo em que se exerce o seu instincto guerreiro.

Foi só para isso que elle quiz conhecer e dominar todo o planeta.

Que lhe falta agora? senhorear-se dos dois pequenos pontos da Terra que os gelos eternos amortalliam, e avassallar o espaço infinito.

Hão-de ver que, no dia em que se puder chegar com facilidade ao centro das duas zonas glaciaes, — haverá logo alli um conflicto entre exploradores de raças diversas, e o sangue humano selará essa nova conquista do genio do Homem...

Quanto á conquista dos ares, já o nosso Santos Dumont se encarregou de claramente nos dizer qual será o melhor serviço que ella virá prestar á humanidade.

Esse nosso illustre compatriota, dando a amostra de um ardor guerreiro que ninguem n'elle adivinhava, acaba de publicar, no primeiro numero do magazine francez "Je sais tout.", um bellicoso artigo em que nos mostra um aerostato futuro (felizmente apenas ainda futuro) — monstro formidavel, carregado de dynamite, despejando do alto do céu a morte sobre exercitos e esquadras.

Do alto do céu! que blasphemial!... Do alto do céu, onde se vão abrigar os sonhos de todos os soffredores e de todos os opprimidos, na esperança de uma vida melhor! do alto do céu, que nos offerece, para nos consolar das mi-

serias da terra, o esplendor das suas madrugadas de ouro, dos seus occasos de fogo, das suas sementeiras de estrelas! do alto do céu, que só nos dá os raios e as inundações para fecundar a terra e amadurecer as suas colheitas! do alto do céu, que só nos tem parecido até hoje uma residencia invejavel porque nos dá a illusão de abrigar no seu ambito infinito, existencias mais belas, mais nobres, mais amigas da paz e da justiça do que a nossa! — que blasphemia e que maldade!



Decididamente, mais vale, como consolo platonico, appellar para uma humanidade nova, que apparecerá d'aqui a um milhão de seculos sobre a Terra... Um milhão de seculos! és capaz de contar isso pelos dedos, tu que me lês? — nem pelos dedos, nem pela imaginação, desgraçado! como vês, o consolo não pode ser mais platonico: mas é o unico que posso offerecer...

Porque, enfim, esta humanidade, que aqui está, batalhando ou especulando, ganhando riquezas ou morrendo de fome, commettendo crimes por causa do coração ou por causa do estomago, fazendo cousas sérias ou cousas futeis, descobrindo a direcção dos balões ou escrevendo *chronicas* insipidas como esta, — é uma humanidade que já mostrou para quanto serve.

E, se não queremos reconhecer esta verdade e soffrer com ella, — façamos isto, leitor amigo: fechemo-nos na torre de marfim do Sonho, vivamos sonhando, morramos sonhando e deixemos que o Tempo vá devorando pouco a pouco os trinta e seis biliões e quinhentos milhões de dias (sem contar os dias dos annos bisextos) que ainda separam a humanidade de um progresso moral... problematico!

O. B.



Felix Pacheco

(A PROPOSITO DE «MORS-AMOR»)

FELIX PACHECO é, da actual geração litteraria, um dos poucos que andam affirmando as excellencias do nosso espirito. A alguns dos nossos criticos parece que se afigura esteril a phase que atravessam as nossas letras. Não lhes acho razão nisso. O que se póde notar aliás no fundo dessa apparente desidia ou desse afrouxamento da nossa actividade productora é um phenomeno que em vez de desconsolar, pelo contrario, deve ser um grande estimulo para os espiritos mais graves e mais fecundos.

E' preciso distinguir hoje, entre os que se occupam aqui de arte litteraria, pelo menos duas ordens de typos: os que mal presentem o grande dia que vem e ficam como sem rumo seguro na jornada, e os que puderam já subir ás eminencias da vasta espiritualidade, lá por onde a timida visão humana começa a desvendar longinquos mysterios que a espantam. Quasi que se poderia ir nomeando os representantes mais notaveis das duas correntes: alistar-se-iam no primeiro grupo os homens de

letras; no segundo—os que deixaram de ter preoccupações simplesmente litterarias para se fazerem uns como SABIOS, dir-se-ia, uns verdadeiros sonhadores que vão pela vida como pontifices eones, na obsessão de grandes amarguras.

Não sei si haverá na America outras metropoles onde se encontrem, como aqui, espiritos assim caminho dessas profundezas da mysticidade, desse reino, da dôr não, mas das vertigens divinas, até onde andaram immergindo as almas dos Balzac, dos Carlyle, dos Emerson, dos Novalis. Por essas alturas, as almas são como a cabeça de Orpheu, que continuou a cantar mesmo destacada do corpo: no desolamento do mundo que só ellas se sabem crear, vivem como num extase sem fim, naquella jubilação de Ruysbröeck, semelhante a qualquer coisa desconhecida que se esconde em existencia futura... quem sabe.

Penso que são estes os mais bellos signaes que poderíamos dar do nosso espirito, do nosso genio nacional.

E não se me diga que entre os nossos espirituales ha muito de influencia da alta arte dos mestres e que, portanto, em vez de affirmar o vigor proprio da nossa mentalidade, accusam antes taes esforços a acção subalterna, a fraqueza mesmo do nosso poder creador e da nossa vibratilidade. Antes de tudo, o que não se pode dizer que haja nessa corrente em que eu penso que se sente como é forte o nosso temperamento de povo, o que não

ha positivamente ali é affectação. Basta considerar que não é nessas alturas, onde só planam as aguias, que se faz nome ruidoso, que se vence perante o publico e que, portanto, os verdadeiros espiritos devem estar certos de que não se acham no caminho que conduz ao Pantheon. Isto nos convence de que só uma absoluta sinceridade é que pode fazer com que no seu sagrado delirio esses corybantes troquem tudo pelo incendimento de que vivem.

De certo que ha vacillações, ha duvidas, ha quedas no afervoramento desses crentes. Muitas vezes, quando parece que lhes vai a fé mais intensa—eis que vem do meio das orações um gesto esquerdo de negação, como espectro imprevisito que negreja no meio de uma claridade. Mas isso mesmo que diz sinão que já a fé lhes vem das luctas interiores e que, portanto, é nelles a grande luz victoriosa de todas as vidas que se levantam acima da vida?

Neste mesmo livro de Felix Pacheco—é claro que não tenho motivos para dissimular—ha ainda alguma coisa desses esmorecimentos. Desde o titulo se percebe que a alma do poeta está dominada dessa obsessão que nos mediocres é signo de illegitimidade, mas que no superior é a obsessão divina dos que ascendem. Não lhe levem, porem, á conta o titulo do livro: é só o titulo que duvida ou que nega: fiquem certos de que para o poeta o amor é eterno *ainda*. Quem lhe lê os opulentos sonetos *Ruinias*, convence-se disso. O primeiro, em que ha uma alacridade de bemaventurança, termina assim, com esta queda surpreendente da ufania em que a alma lhe vinha:

Surja e floresça o verso magestoso,
A rima sobreviva ao desbarato,
Para as benções e os osculos da morte.

E no emtanto, todos os outros, e até esse mesmo primeiro até aquella surpresa que sae como um grito inconsciente—só proclamam e cantam a immortalidade, a confiança, a affirmação, a victoria abençoada do amor e da vida. E é sempre assim: por cima do apparente pessimismo ou das coleras e desillusões do sceptico—anda-lhe a alma convulsiva e ufana, a rir da duvida e da morte.

E como Felix Pacheco são afinal todos os legitimos creadores: rugem ás vezes como uns impios, estrondam imprecações... mas tudo isso se funde na magestade da prece, na grandeza do protesto que a alma vai bradando, immensa nas nevoas do augusto mysterio presentido. O mais que se poderia dizer e lamentar é que o *scepticismo affirmativo* de Felix Pacheco ainda seja tumultuante demais, que ainda abuse das antitheses e dos grandes paradoxos, que faz passar muito subtilmente aliás sob os olhos do leitor. Elle canta o hymineu da morte, a agonia no abysmo onde vai amar, os arroubos de almas desprendidas da terra para os circulos do inferno, mas que em vez de apavoradas da damnção, andam por ali como sombras errantes «na apotheose da

loucura». Não se poderia ainda dissimular (e só dissimulam os que não admiram) que os exigentes *snobs* da forma encontrariam aqui e ali uns raros senões, dir-se-ia de proposito tolerados pelo poeta, como si quizesse assim fazer que lhe fallassem bem alto só as grandes bellezas. Pois não foi por isso que o incomparavel vate florentino chegou a ser tambem accusado impiedosamente de semelhantes senões?

Veja-se, porem, como é sempre nobre o verso de Felix Pacheco. Nelle nem sempre haverá o encanto que muitos preferem sentir só na «banalidade esplendida da forma» (sim, porque é banal a forma que veste um não-senso ou uma idéa inesthetica); mas nunca lhe ha de faltar um sopro de vida, «uma alma».

A presente collecção contem produções dignas de um grande artista. Alem daquelles intitulos *Ruinias*, destacarei, entre os sonetos que mais me agradam, os seguintes: *Vhulda* (principalmente o I e o V); *O Poeta e o tempo*; *Persephone* (forte e esplendido como uma esculptura!); *Carcere de ouro* e outros.

E venham fallar-nos do scepticismo de uma alma que fecha aquella soneto *O Poeta e o tempo* com este verso:

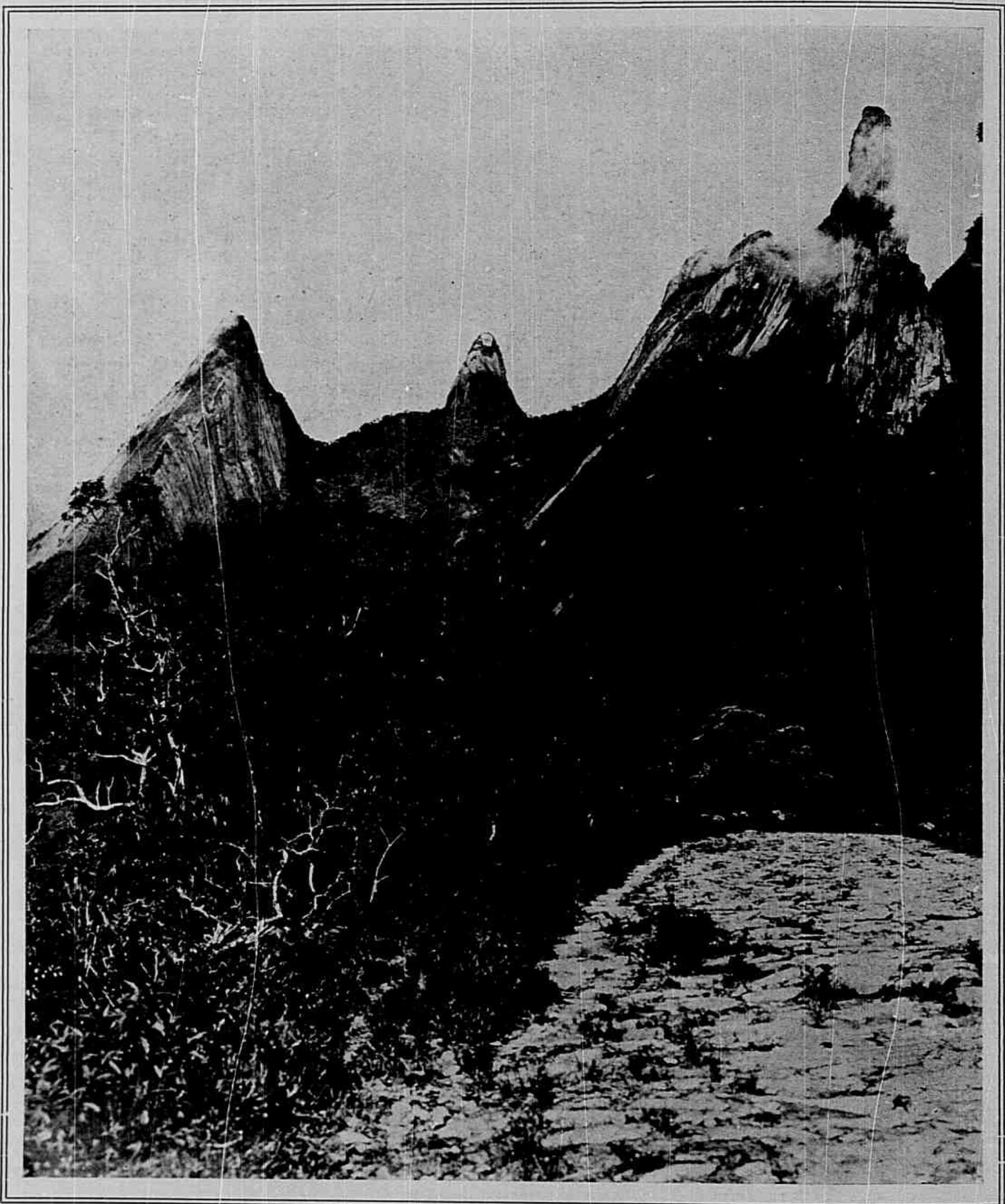
Unicamente Deus e o Poeta são eternos!

Uma das composições mais bellas é incontestavelmente *Karnak*, em magnificos tercetos, de um colorido e originalidade admiraveis. E sobre tudo isso, tem ainda uma commovente nota pessoal. Inspirados e bellissimos, dignos da alma de Hamleto, são aquelles versos da *Canção do louco*. Pudesse transcrevel-os agora, só para gosar-os bem, palavra por palavra. Não sei por que não hei de dizer: aquellas estrophes são as mais resistentes de todo o livro, ao meu sentir.

O meu intuito com estas linhas é dar a Felix Pacheco a unica coisa que em mim está, em troca do valioso brinde que acaba de fazer a todos os espirituales: a homenagem da profunda sympathia e da sincera admiração que sinto pelo seu grande talento.

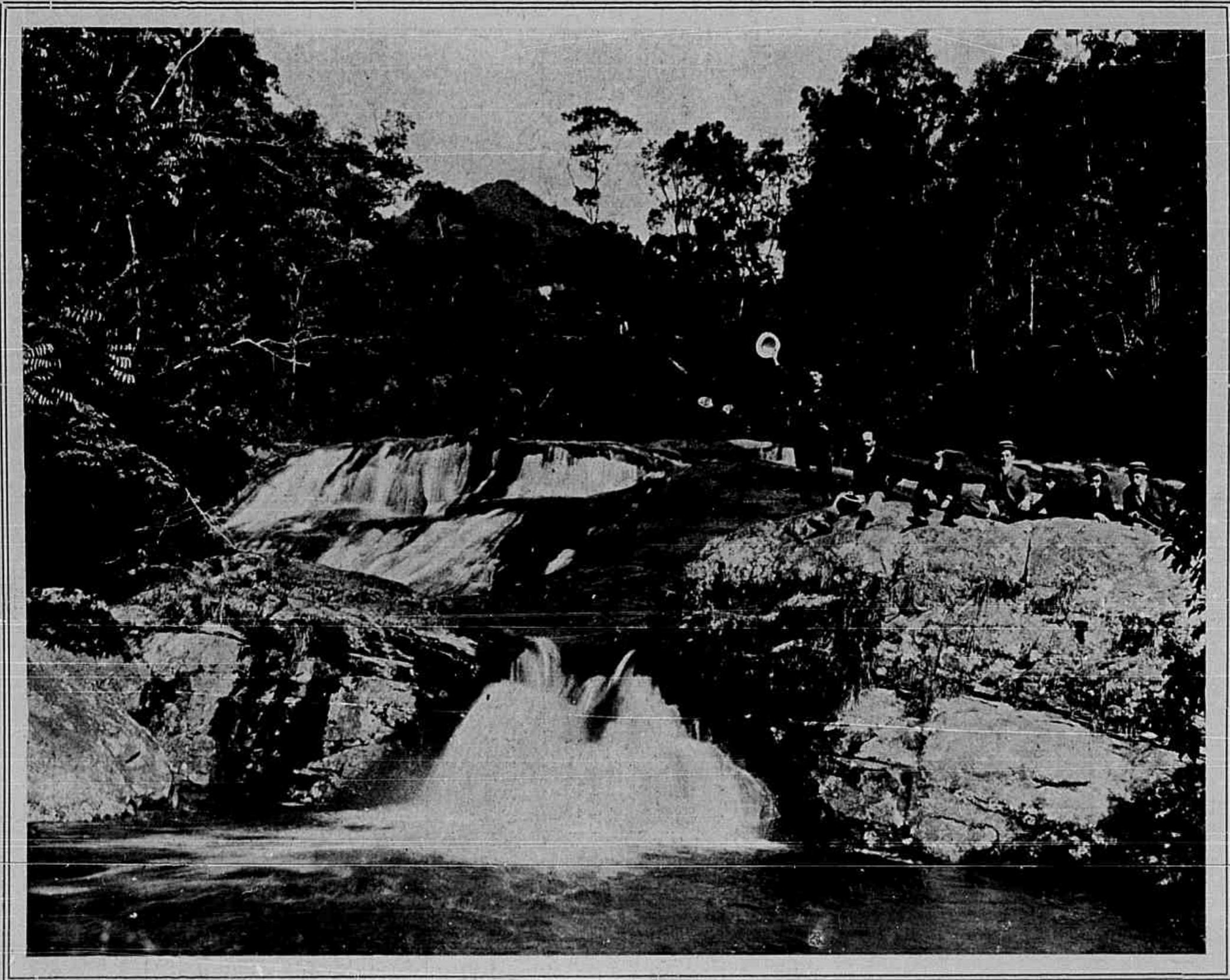
Tenha paciencia, porem, o meu caro Felix para mais umas linhas. O *Mors-Amor* não me trouce um, mas dois poetas e seria uma grande dôr para a minha consciencia, nos meus enthusiasmos por um delles, esquecer o outro. A capa do livro está illustrada por uma soberba, verdadeiramente genial creação de Mauricio Jubim. Tenho ficado por vezes longos minutos em extase á vista deste quadro, e é á propria alma de Felix Pacheco (que eu imagino com que alegria se sentiu comprehendida pela alma do artista irmão) que tenho vontade de interrogar ainda:

—Não vê, meu caro Felix, como daquelles cedros, de todo aquelle esvaimento transluz alguma coisa que não morre e que é eterna como o genio?



DÊDO DE DEUS - THEREZOPOLIS

SCHMIDT



LUIZ MUSSO

CASCATA DO PAQUEQUER - THEREZOPOLIS

ARVORES DA RUA

A Lima Campos

Com que maguado encanto,
Com que triste saudade
Sobre mim actua
Essa extranha feição das arvores da rua...
E ellas são, entretanto,
A unica illusão rural de uma cidade.

As arvores urbanas
São, em geral, conselheiras e frias,
Sem a grande expansão e as grandes alegrias
Das provincianas.

Não têm, sequer, os plácidos carinhos
Dessas largas manhãs provinciaes e enxutas,
Nem a orchestra dos ninhos
E nem a graça vegetal das fructas.

Vivem tão sós e tão tristonhamente...
E' que lhes falta Ceu sentimental e escampo
E o doce affecto
Da camponia gente...
E é talvez por isso que no campo
Cada arvore é um tecto.

Vivem para o mormaço
E nunca para o Sol radioso;
Sem luz, alfombra
E espaço,
Onde possam abrir o regalado pouso
Da larga tenda monacal da sombra.

E para aquelle que erra
Pela da Vida pedregosa estrada,
Apenas sob a protecção dos Ceus,
A sombra, muita vez, é a unica morada...
Foi por isso que Deus
Deu arvores á Terra.

As arvores aqui têm a velha tristeza
Dos que vivem no exilio,
Longe das terras da primeira infancia.
Falta-lhes a largueza,
O tom sincero do camponio idyllio
E a saudosa impressão de uma longa distancia.

Falta-lhes horizonte
E essa luz aromal dos occasos suaves...
Como pôdem viver sem os moitães floridos,
Sem valles e sem monte,
Sem aroma e sem aves,
Sem a magua christã do echoar dos mugidos?

E que longe que estão as madrugadas louras,
O lindo Ceu cobalto
E esse fecundo Sol que do alto
Enche o campo aromado
Da fartura do gado
E das lavouras...

E essa vida de humilde, essa vida modesta
Que só o Campo agazalha
E que se manifesta
Pelo aspecto feliz das choupanas de palha...

E as grandes expansões
Da gente satisfeita,
Que se agita e se anima
Quando então se approxima
Esse tempo feliz das novas plantações
Ou da nova colheita...

Toda a vida infantil do convívio da terra
E da gente aldeã
Honesta e franca,
Tudo lhes falta, pois,
Desde a visão christã
De uma igrejinha branca
No cimo de uma serra,
A' grande mansidão nostalgica dos bois.

As arvores daqui têm o ar desolado
E esta triste expressão de uma vida moderna.
Como que as faz tristonhas e sombrias
Esta prisão eterna
Neste estreito horizonte limitado
Pelo frontal burguez das moradias.

Intecundas e graves,
Nota-se nellas toda a anciedade
Das extranhas lutas
Do viver anormal de uma grande cidade...
E nem lhes resta o venturoso allivio
Desse doce convívio
Das aves
E das fructas...

As terras são pesadas,
Não têm, como no campo, a flacidez de um collo
E o Sol que as enfraquece
E que em chapadas
Quentes de luz sobre as arvores desce,
Augmenta a rigidez metallica do sólo.

E' por isso, talvez, que o carinho da alfombra
Não lhes vêm temperar o pesado canção.
E' que tambem lhes falta o convívio bondoso
Do Ceu, da Luz, do Espaço
Para abrir sobre a terra o consolado pouso
Da larga tenda monacal da sombra.

Entretanto, para aquelle que anda e erra
Pela da Vida pedregosa estrada,
Apenas sob a protecção dos Ceus,
A sombra, muita vez, é a unica morada...

Foi por isso que Deus
Deu arvores á Terra.

MARIO PEDERNEIRAS.

MCMV.

(Das *Historias do meu Casal.*)

FERCILIDADE

I

A João Luso

QUANDO a carriola do Matheus apparecia na villa, com um rangido estridente de ferragens, as ródas bambas, frouxas, oscillando nos eixos, ao tróte lerdo do burrico, era um alarido atordoante desde as primeiras casas, augmentando á medida que o desconjuntado vehiculo entrava no povoado rodando, aos trancos, com estridor, nas angulosas viellas calçadas a pedregulho.

A creançada por traz dos muros de taipa, escondida entre os espinheiros das cercas, encarapitada nas arvores, vociferava injurias, apedrejando a carangueijola acogulada de cestas de legumes, samburás de fructas, covos, balaios, caixotes d'ovos empalhados, capoeiras d'aves que elle levava ao porto nos dias em que passava a barca do pombeiro.

Era um homenzarrão possante, de largos hombros, braços musculosos cobertos de um vello grosso como cerda. Pouco se lhe via do rosto ossudo, cor de barro porque a rija, erriçada barba era nelle tão densa como a herva em tapéra. As abas largas do chapéu derreavam-se-lhe sobre a fronte escantilhada, deixando apenas os olhos livres, olhos redondos de abutre, pequeninos, ariscos, sempre espreitando, desconfiados; ainda lhe accentuava o typo de rapace o grande nariz, afilado e adunco como um bico d'aguia.

O cachimbo não lhe sahia da bocca, ardendo, fumegando entre a barba intonsa como um fogo em macéga.

Taciturno, mazorramente calado, sempre de cabeça baixa, não deixava o chicote e rosnava, voltando-se inopinado, com olhares que chammejavam, quando se sentia seguido pelos garotos que não só o acoassavam com chufas e improperios, como o puxavam pelos andrajos pôdres fugindo, a rir, com tropeus de molambos.

Trabalhadores suspendiam o serviço, sahiam á beira dos caminhos fazendo coro com a garotagem. «Corujão! Eh! Corujão!» e atiravam-lhe cascas de fructas, torrões, pedaços de pão, immundicies.

Elle retinha o animal, relanceava o olhar em torno tirando vagarosamente o cachimbo da bocca e, de pé na boléa, ameaçava com o chicóte, brandando torpissimas obscenidades que provocavam

estruondosas gargalhadas. A vaia recrudesca: ajuntavam-se grupos, affluia gente ás janellas, ás portas dos negocios e, de todos os lados, esfusiavam berros: «Corujão! Come cobra!»

Zuniam pedras, os mesmos cães investiam e, cercando o carro desconjuntado acirravam-se contra o burrico, que se conserva immovel, d'orelhas hirtas, como a ouvir, enquanto o dono esbravejava, com acenos indecorosos e ameaças sanguinarias.

Se alguma pedra alcançava-o, elle, espumando de colera, precipitava-se a correr, brandindo o chicóte—a chusma dos perseguidores dispersava-se, mas a primeira pedra partia dos mattos, outra vinha d'alem muro, ainda outra, era uma saraivada, elle desviava-se aos pinchos, por fim, desencravando calhãos, atirava-os ao acaso para as hortas, para as arvores, para as moutas do campo porque em toda a parte sentia inimigos. A's vezes um grito lancinante vibrava, algum ferido. Matheus corria satisfeito, vingado, trepava ligeiro para a boléa e zurzia o burrico que disparava sacolejando a velha e escangalhada carriola.

Havia dias, porem, em que passava indifferente —a tudo— injuriavam-no, perseguiram-no, as pedras silvavam e elle lá ia, acurvado, fumando, sem voltar, sequer, a cabeça.

Vivia num reconcavo tristonho, na aba da serra, entre grotões. Era um terreno concavo, larga depressão fechada por barrancas, onde as aguas das chuvas rebalsavam-se em alagadiços que logo se enchiam de sapos. Com as levadas d'agua que se despenhava da serra em torrentes ficavam expostos lombos de pedras, lages immensas, cabeços de rochas como uma ossaria escalvada que viesse á tona da sepultura.

A casa, levantada por elle mesmo, de barro, coberta de sapê, dominava um planalto, mostrando o esqueleto de ripas e grandes frestas de onde cahira o adobe, por onde passavam os ventos. Em torno, á sombra d'arvores, havia o chiqueiro e uma cerca de páos a pique para os bois e as cabras; a criação de pennas vivia solta tirando as suas ninhadas no matto, dormindo empoleirada nas arvores.

A cultura mirrada esturrava-se ao calor d'aquella furna ou perdia-se nas inundações.

Havia sempre uma calamidade para affligil-o—o sol ou as aguas, quando não eram os gafanhotos ou as lagartas que, em uma noite, lhe inutilisavam todo o trabalho penoso de mezes, reduzindo-o á miseria. No pomar, que fazia sombra á choupana, tinha elle a sua renda mais segura.

De Março em deante eram as laranjas que amadureciam, depois as jaboticabas, os cajús, os figos,

as pinhas, os cambucás, os pecegos—era a fartura. Essa mesma falhava, ás vezes.

A terra era ingrata—crosta escassa sobre rochas sem força para produzir. Debalde elle a cobria de estrume, aproveitando todo o estravo dos animaes, debalde a revolvía—era sempre magra, sempre fraca, dando uma planta pallida e rachiteca.

O seu sonho era vender aquelle vageiro, comprar uns alqueires na planicie, perto da costa, em zona fertil e sadia, livre d'aquellas pedras, livre d'aquellas aguas. Teria o seu barco e elle mesmo, enchendo-o até ás bordas, abrindo a vela ao vento, deixaria o porto á noitinha amanhecendo no mercado com a sua quitanda, vendendo-a bem e regressando contente, com o dinheiro na bolsa de couro e novas sementes para rendosas culturas.

Vivia só porque a Luciana, mulher do Valentim, oleiro, que fora condemnado por crime de morte e ficara desamparada, aceitando a sua proposta de mancebia, ao fim de um anno deixou-o, contando horrores da vida que levava naquelle antro «com o homem mais sujo que conhecia».

Sempre faminta, quasi nua, que nem uma camisa tinha para por em cima do corpo, dormindo em palhas de milho, sem um panno, ao menos, trabalhando na roça desde a madrugada até a noitinha e ainda aturando impertinencias e brutalidades, porque o diabo até parecia que contava as laranjas nas arvores e andava catando cascas no caminho para berrar que o estavam roubando.

Ninguem o visitava. Carvoeiros, que passavam na vizinhança da cabana, diziam: «Nunca se vê signal de fumaça naquella tóca. Ali não se accende fogo. O *corujão* parece que vive de fructa, como os macacos. Ninguem sabe o que elle faz do dinheiro que ganha. Está guardando para o diabo.»

Os commentarios que se faziam sobre a vida solitaria e mysteriosa do velho foram, a pouco e pouco, tornando-se lendas. Matheus passou a ser olhado como um ente fantastico, especie de homem demonio. As velhas esconjuravam-no, batiam com as janellas, atiravam punhados de sal ao fogo quando ouviam o rodar do seu desmantelado vehiculo.

Os pequenos, nos quaes o terror se ia infundindo, rareavam; atrevidos nos primeiros tempos foram-se tornando timidos, fugindo, escondendo-se quando o conhecido estrepito da carriola annunciava a passagem do Matheus.

Todos os males que sobrevinham eram attribuidos ao miseravel—as grandes seccas ou as chuvaradas alagadoras, as pestes das aves, as pragas das plantas.

«Isto foi coisa d'aquelle excommungado!» ros-nava o lavrador percorrendo as terras exsiccadas onde as culturas pendiam languidas, murchando.

Toda a gente estava convencida do prestigio funesto do caboclo e da sua maldade.

Ao espalhar-se a noticia do desaparecimento do Miguelinho, malandrim perigoso, filho de uma pobre mulher que vivia miseravelmente num rancho, á bocca da matta, catandoervas medicinaes, logo se affirmou que o pequeno fôra assassinado pelo bruxo. Houve mesmo quem garantisse que, uma noite, apesar dos trovões, ouvira gritos abafados na rua, justamente no momento em que passava a carriola fugindo sob a borrasca.

A mãe do pequeno andou de porta em porta chorando, referindo a sna desgraça, pedindo que a soccorressem, que a vingassem do malvado.

Appareceu uma denuncia e as autoridades resolveram dar uma busca no antro do *Corujão*.

Quando a diligencia, com um delegado, soldados e moços dos jornaes, atravessou a villa, foi um alvoroço geral. As roças ficaram desertas, toda a vida paralysoou-se. Intrusos offereceram-se para auxiliar a policia, a escola não funcionou porque toda a pequenada, varando afoitamente os mattos, lá foi em direcção á serra.

De janella a janella eram, a todo instante, exclamações de allivio: «Até que enfim a Justiça vem por cobro a tanta maldade». «Já era tempo. Um diabo que só servia para atrazar a vida da gente. Foi elle mesmo que matou a pobre creança.» «Ora! se foi...» O pequeno era detestado por ser vadio e obsceno, mas todos o lamentavam, fazendo carga sobre Matheus, tornando-o mais odioso.

«Aquillo foi para fazer bruxaria.» «Ainda a senhora diz... Um homem assim é um perigo. Quem se livra da faca de um assassino? E hão de ver que não acham o corpo.» «Ora... ainda mais elle... Aquillo deu sumiço ao pobresinho, enterrou-o em algum grotão. Vão lá agora descobrir.» E, até a hora em que os homens regressaram a villa agitou-se um reboliço curioso como uma colmeia assanhada.

A diligencia chegou cedo ao reconcavo. Matheus, no terreiro, alisava o pello do burrico, falando-lhe com meiguice, como a um igual, acariciando-o, rindo ao vel-o espichar o beico mostrando os dentes amarellos: «Tá rindo, rapaz...» E regou-gava folgazão. Em torno grunhiam as porcas foscando a terra, seguidas dos bacorinhos, cabritinhos pinoteavam e bandos de gallinhas corriam ora a um canto, ora a outro, aos reclamos cacarejados dos gallos que esgravatavam a terra.

De repente os cães puzeram-se a ladrar, magros podengos gafados que viviam ganindo, com o pello

rapado, a calir de lepra. Matheus levantou a cabeça e, dando com os soldados e os homens que os precediam ficou immovel, olhando, a mão espalmada no lombo do burrico. O delegado adeantou-se:

—Você é que é o dono d'isto? o Matheus...? O caboclo não deu resposta, olhando espantado.

Tirou o chapéu e o cabelo espoucou enorme, em grenha hirsuta, cobrindo-lhe a cabeça como um turbante. O delegado insistiu: Então? você é mudo?

—Matheus sou eu mesmo, sim, senhor.

—Vamos cá a uma coisa... E mansamente, adeantando-se, a tocar os animaes com o guarda-chuva, disse: Eu sou da policia, sou delegado. Não venho aqui por mal: quero apenas que você me diga onde é que está mettido o Miguelinho. O caboclo franziu o sobr'olho. O Miguelinho, filho da Severa.

—Que Miguelinho? Eu não conheço Miguelinho nenhum. Aqui não vem ninguem.

—Nem á força? perguntou o delegado com um sorriso expressivo.

—A' força! Como á força?

—Então o amigo Matheus pensa que essas coisas ficam assim. Houve quem visse o Miguelinho no seu carro, amarrado de pés e mãos.

—No meu carro! E avançando, fulo de raiva, desafiando com o olhar toda a turba que o mirava: Quem foi que viu? Quem foi? diga. Houve um silencio, elle deu d'hombros, resmungando: Tomara eu poder commigo quanto mais andar por ahi apanhando ruindades. Calou-se carrancudo, affrontando o grupo com um olhar feroz. De repente, voltando-se para o delegado, disse num asomo de ira: Se elle veiu commigo tá ahi, vosmecê percure.

—E' o que vamos fazer. A casa está aberta?

—Vosmecê não tá vendo?

—Então venha comnosco. E, a sorrir, ajuntou: Olhe que nós somos visitas, tio Matheus. Você, pelos modos, parece que não está muito satisfeito com a nossa presença. Ande, não seja assim espinhado; venha mostrar-nos a sua casa.

Vagarosamente, resmungando, o velho adiantou-se enveredando para a choupana. Do grupo que ficara em baixo alguns homens avançaram e entraram seguindo o delegado no miseravel casebre que tresandava a fumaça e a môfo. Matheus abriu as janellas, escancarou as portas e, ao sol que entrara realçando a pobreza sordida, alargou os braços num gesto franco.

—Vosmecê veja. Cate tudo. O que eu tenho tá hi. E encostou-se á parede, sacudindo a perna.

O interior estava de accordo com o habitante —chão de terra, muros fendidos, esburacados; a

palha da coberta esfiapada pendia em franjas por entre as ripas. Uma velha meza de pinho negra, encoscorada de immundicie, dois tambos com assento de palha, uma prateleira suspensa por cordas onde havia canecas, pratos de folha. A cama era um giráo estreito e raso, coberto de palhas de milho, forrado com alguns saccos; a um canto um pequeno bahú de couro. Na parede um grande registro do Senhor dos Passos tismado de fumaça, a espingarda, o polvarinho e velhas mudas de roupas remendadas.

Na cosinha, negra de fuligem, cheia de picuman, sobre tres pedras, no chão, estava uma panela de barro. E era tudo.

Sentia-se a immundicie. Grandes aranhas trepavam pelas vigas; se alguém affastava uma pedra logo via a vermina fervilhando; minhocas colleavam pelos cantos.

O ordenança do delegado abriu o bahú e poz-se a sacudir andrajos, tiras de panno, uma pedaça de lona roida. Houve um alvoroço de baratas que fugiam assanhadas, esvoaçavam, enormes, cascudas.

Um embrulho de papel foi desfeito—havia de tudo: sementes, favas seccas, um breve, velhas chaves enferrujadas. O delegado esquadrinhava, mettia a ponteira do guarda chuva nos cantos esfuracando. Fóra era um murmurio de vozes, um rumor farfalhante de passos—eram os da villa que andavam batendo os mattos, procurando vestigios do crime e saciando a curiosidade. Os pequenos, mais ousados, com os saccos dos livros a tiracollo, desciam aos grotões, raspavam a terra e, como as laranjeiras vergavam carregadas, alguns furtavam rindo, quebrando propositalmente os galhos e rindo mettiam-se nos mattos chuchurreando.

Alguem lembrou-se de ver se havia alguma coisa debaixo do giráo. Matheus que até então se conservara immovel, calado, indifferente, adeantou-se coçando a cabeça, com o olhar assustado. Pela abertura da camisa desabotoada via-se-lhe o peito guedelhudo, arfando. Não se conteve, falou:

—Ahi em baixo? Que é que póde cabê ahi em baixo? O delegado teve uma suspeita e fitando os olhos no caboclo notou-lhe a perturbação. O desgraçado compromettia-se—tremulo, com a voz estrangulada, oppondo-se ao exame, insistia, com um sorriso idiota:—Mas vosmecê tá teimando á toa. Que é que póde cabê num lugarinho assim?

O delegado bradou ao ordenança:

—Arreda esta historia! O caboclo ainda insistiu: poz-se de cocoras, estendeu-se a fio no chão e, mettendo o braço debaixo do giráo, entrou a raspar, falando surdamente:

—Que é que tem aqui... Isso mêmo é teima de vosmecê. Que é que pôde cabê aqui...

—Arréda! Arréda! bradou o delegado impaciente.

O soldado tomou, a mãos ambas, o giráo, mordendo o beijo, avançando uma perna, derreando o busto para dar toda a sua força ao arranco e não conteve o riso quando ao primeiro impulso o leito ceceu, muito leve, estalando, como a desconjuntar-se—arredou-o. O chão porejava humidade, e bem ao meio havia um monte de pannos em torno dos quaes rastejavam bichos molles. O caboclo retorcia a barba; ouvia-se-lhe a forte respiração angustiosa.

—Tira tudo isto! Ordeno, o delegado. Já a noticia chegara lá fora e acudia gente para ver o cadaver, alguns enojados, franzindo o rosto, com os lenços na mão presentindo o máo cheiro. Quando o soldado, com escrupulo, poz-se a affastar os pannos com o sabre, o silencio tornou-se absoluto. De repente appareceu uma panella de barro enterrada até as bordas atopetada de moedas de nickel. O delegado voltou-se, procurou o caboclo—o desgraçado, de pé, os braços cruzados, chorava remordendo a barba:

—E' o que é, tá hi... é o meu suor. Vosmecê leve. E' o que é... é o que é... o meu trabalho, o meu suor. Revolveram, esvasiaram a panella—só acharam moedas. Tá hi...

Fóra, depois de uma batida lenta, não encontraram indício algum do crime.

Eram duas horas, o sol queimava, coruscando nas pedras, quando o delegado deu por finda a pesquisa.

—Então você não sabe do Miguelinho?

—Não sei.

—Elle ha de apparecer, disseram em tom de ameaça. Matheus ergueu-se na ponta dos pés procurando ver quem falara e bradou:

—Ha de apparecê... ha de mêmo. Se elle não morreu ha de apparecê. Deus Nosso Senhor não

dorme. E quando elle apparecê eu quero vê a cara de vosmecês. Então é só levantá falso? vexá um homem que vive no seu canto, que não faz mal a ninguem. Eu sei... isso não foi por Miguelinho nenhum, isso foi só para dar fé da minha vida, ver o que eu tenho. Pois não é roubado. Fosse todo o dinheiro honrado como este e não havia criminoso no mundo. Tudo que tá aqui eu ganhei com estes —arregaçou as mangas da camisa e mostrou os robustos braços cabelludos, empollados de cordoveias que regorgitavam.

Riram e o delegado sahiu convencido da innocencia do caboclo.

Na villa, quando se soube do resultado da diligencia, resmungou-se com incredulidade:

«Ora, qual! aquillo é ladino como o diabo. Não vê que elle havia de deixar o cadaver em casa. Enterrou-o por ahi, n'algum buraco.»

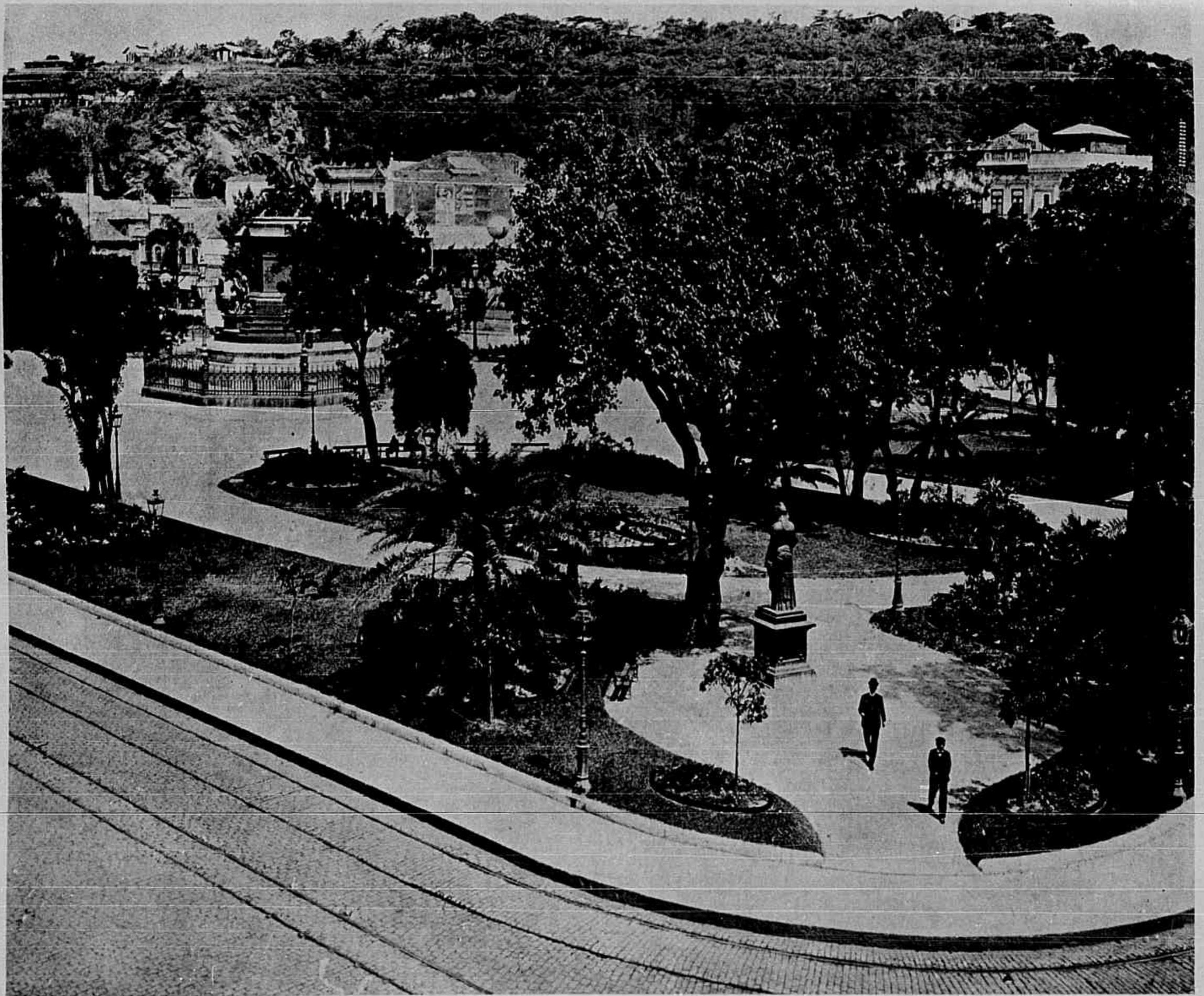
Uma manhã, porem, espalhou-se a noticia do apparecimento do Miguelinho. O pequeno fugira escondido na barcaça da olaria e, depois de um mez de vida airada, na cidade, regressava, escaveirado, faminto, com a roupa esfranga!hada e mais cheio de vicios do que fôra. Pedira passagem no barco do pombeiro e lá estava consolando a velha mãe, a unica que se alegrou com a sua vinda, porque para toda a gente foi uma dupla decepção—era um vadio que voltava e era a prova da innocencia do *Corujão*.

Houve um prazo de treguas, mas, pouco tempo depois, como era necessario renovar a maledicencia, attribuíram a Matheus o naufragio de uma canôa e a morte do pescador que a tripolava: «Praga d'aquelle diabo! Nem se lembrou que o desgraçado tinha mulher e filhos...»

E de novo começaram a cahir maldições sobre o solitario do reconcavo.

COELHO NETTO.





Melhoramentos do Rio — Trecho da Praça Tiradentes — (antigo Largo do Rocio)

A RONDA DA MORTE

A Oliveira Lima

Souli freme de horror; o panico a domina,
Porque ás portas lhe bate o sultão de Janina.

Toda a Albania já se rendeu docilmente
Ao rubro pavilhão onde alveja o crescente.

Souli, porem, resiste á sanha desabrida
De Ali Pachá. Prefere a liberdade á vida.

Nenhum homem ficou fazendo guarda aos lares;
As mulheres, a orar, se prostram nos altares.

Todo braço capaz de sopesar uma arma,
Resoluto, accorreu ao bellicoso alarma.

Contemprar do inimigo a infinita cohorte
E' logo perceber que a resistencia é a morte.

Mas a vida é a deshonra, é o gyneceu manchado
Pela gana brutal do erótico soldado.

E' a aldeia, transformada em tumulo de vivos,
A arrastar em silencio o grillhão dos captivos.

E, pois, Souli resiste, e dos seus muros diante
Ali Pachá detem seu passo triumphante.

Tanta audacia e loucura o pasma de surpresa
E após fal-o sorrir com tigrina fereza.

«Como ousais resistir, mal armados e poucos?
Rendei-vos, si não sois inteiramente loucos!»

«Viva a Grecia!» responde o filho do espartano.
«Que não escape um só!» troveja o musulmano.

E a um gesto de commando, então, subitamente,
Qual de torva caudal a portentosa enchente,

As sinistras legiões se despenham rugindo
Na aldeia, e nesse mar encapellado, infindo,

De alfanges e fuis, os soulistas ilhados,
Se abysmam, pela mole indomita esmagados.

Nenhum sobreviveu á nefanda carnagem
Para á aldeia levar a tetrica mensagem.

Quando, porem, termina a implacavel matança,
E, em ruidoso tropel, o vencedor avança,

Prelibando o prazer dos gosos ultrajantes,
Não encontra em Souli sinão velhos e infantes.

As donzellas e as mãis, num bando allucinado,
Galgaram de um rochedo o pincaro escarpado.

E, mãos dadas, cantando um tragico memento,
Cabello degrenhado, o manto ondeando ao vento,

Começam a dançar, da rocha sobre a aresta
Uma ronda febril, fantastica, funesta...

Cada giro que faz, em carreira desfeita,
O circulo fatal de mais em mais se estreita,

Porque, quando defronta o pendor da montanha,
Uma dellas se escapa e de altura tamanha

Se despenha a soltar um bramido de leôa,
E um baque na mudez dos abysmos resôa...

Outro giro, outro grito, outro corpo que róla...
E o bailado infernal, frenetico, rebóla!

O circulo fatal mais e mais se constringe;
De lagrimas de sangue o rochedo se tinge.

Lá embaixo, ao clarão do sol que bruxoleia,
Se desdobra gentil a idolatrada aldeia.

Mas da gente feliz que ali hontem vivia,
Já de certo ninguem nesse instante existia.

E, á lembrança dos pais, dos filhos, dos maridos,
Pelo solo sangrento exanimes cahidos,

Gira a ronda mortal com redobrada furia,
E a aresta da alcantil se torna mais purpurea.

Por fim, resta uma só; na sarabanda horrenda,
Já não encontra mão em que a sua se prenda...

E do heroico furor no extremo paroxysmo,
«Viva a Grecia!» ella exclama, e se lança no abysmo.

ANTONIO SALLES.

DEHISCENCIA

QUANTO mais contemplo a natureza mais admiro a harmonia sublime da Creação, que tudo rege, desde os astros, que gravitam nas paragens desconhecidas do infinito, até a amiba, que despercebida, sem distincção de sexo e de reino, vive na terra.

A vida é um poema de bellissimas estrophes, um concerto de suavissimas notas, em que tomam parte todas as creaturas, desde o homem, que symbolisa o entendimento, até o polypo immerso no fundo dos mares.

A geração é um segredo que os conhecimentos humanos até hoje não poderam penetrar.

E não penetrarão nunca.

E' como o apparecimento da vida em nosso planeta. Quem desvendará este mysterio?

Em principio era a materia inorganica.

Eram os elementos ar e fogo, agua e terra.

O globo terraqueo era então um espheroides em braza, semifluido, com todos os elementos em fusão, irradiando para os espaços celestes o calor de sua massa, cuja temperatura era de mais de tres mil grãos centigrados.

Ao periodo do fogo seguiu-se o d'agua.

Mar e céu !... Nem um ponto apparecia da esphera, que foi luzeiro por seculos.

O Verbo Creador pairava na immensidade.

A terra era apta para produzir.

Elle baixou das alturas e disse — *fiat*.

E a vida appareceu no seio das aguas.

Estava fundido o primeiro elo da cadeia organica.

Amiba ou monera, que importa?

Era a primeira cellula que nascia; nascia não de outra cellula !...

Nascia de Deus !...

As aguas recolheram-se aos leitos. Os continentes individualisaram-se.

A vida passou á terra.

Os cryptogamos alcatifaram aquelle solo virgem.

Por muitos seculos dominaram os lichens, as algas, os cogumelos.

A evolução organica progredia.

A's florestas rasteiras de thallophitas succederam florestas de equisetineas.

Os cryptogamos arborescentes renunciavam as phanerogamos.

As frondes dos fetos encimando estipes prediziam a vinda das palmeiras.

O reino animal acompanhava o progredir do reino vegetal.

A epocha dos saurios passava. Os pterodactylos, estes monstros alados, cediam o logar aos mammiferos. Não tardariam os grandes pachydermes á sombra dos baobabs.

Em breve os phanerogamos ostentariam a estatura de seus caules, o arredondado de suas copas, o colorido e perfume de suas flores.

A flor apparecia symbolisando o amor, o hymeneu das plantas.

Depois viria a semente que se espalharia pela terra propagando a especie e perpetuando os progenitores.

Que harmonia na distribuição dos vegetaes á superficie do globo !...

* * *

A dehiscencia, como é da botanica o modo de se abrir o fructo para soltar a semente, é, como tudo na Creação, de uma immensa sabedoria.

Ha fructos que nunca se abrem para deixar livre o germen que guardam.

Outros, que, operada a maturição, soltam a semente, mas não do mesmo modo, conforme a especie, e ás vezes de uma maneira interessantissima.

A variedade da forma e da cor dos fructos faz o encanto dos pomares e das mattas virgens.

Quem poderá, sem embevecimento, ver uma lorangeira em plena fructificação ou um arrozal louro de espigas?

Quem já viu a murta silvestre, carregada de fructos côr de sangue desde o tronco até os ramusculos, e se não sentiu enlevado?

A dehiscencia dos fructos é tambem uma bellissima estrophe do poema da Creação.

O abrir dos fructos é nas terras tropicaes mais captivante que nas paragens frias ou temperadas do globo.

Quem atravessa uma floresta nossa, á hora em que o sol desce a pino sobre a terra, ouvirá de todos os lados um tiroteio de estalos, ruidos de attrito, sons de corpos que cahem.

E' a dehiscencia dos fructos com o seu cortejo de estalidos. De quando em quando uma crepitação, ouve-se e uma semente nos alcança como a pedra arremessada por uma funda; outra cahe pesadamente a nossos pés; ainda outras, como um bando de insectos, passam voando de azul em fora!...

Das sementes aladas ha umas vestidas de arminho e por sua leveza fluctuam ao sabor do vento. Outras, como pequeninos aerostatos com sua barquinha e azas, navegam no ar á mercê das correntes, até aportarem, cahirem, em terra, ás vezes leguas e leguas da arvore de que nasceram.

A mór parte dos fructos abrem-se em bandas, como o das leguminosas. Outros ficam inteiros.

A papoila, que tem sobre a capsula loura uma corôa de rainha, não se fende: toda a superficie criva-se de pequeninos orificios, como feitos a agulha, e por elles sahem centenas de minusculas sementes.

* * *

De todas as dehiscencias da flora tropical, é a da sapucaia uma das mais interessantes.

Até hoje della não se têm occupado os botânicos.

O fructo da sapucaia tem o pericarpo resistente e o tamanho e forma de uma cabeça humana.

A arvore é de grande estatura; ornada de centenas de fructos dá uma perfeita idéa da uberdade das terras tropicaes.

Aquelles grandes cocos profusamente espalhados pela ramaria da sapucaia guardam centenas de sementes, bellas castanhas, sendo a amendoa rica de um oleo fino de grande valor industrial.

Chegada a epoca da dehiscencia, o fructo abre-se, porem conservando a forma do pericarpo.

A parte do fructo que está voltada para a terra separa-se e cae acompanhada de todas as sementes.

O pericarpo vasio fica preso á arvore,

A este coco, de tecido forte, tão forte que o povo serve-se delle para almofariz e de caixa para guardar objectos miudos, pondo-se-lhe a tampa esta se adapta tão bem que ninguem é capaz de saber onde a sutura, tão subtil é.

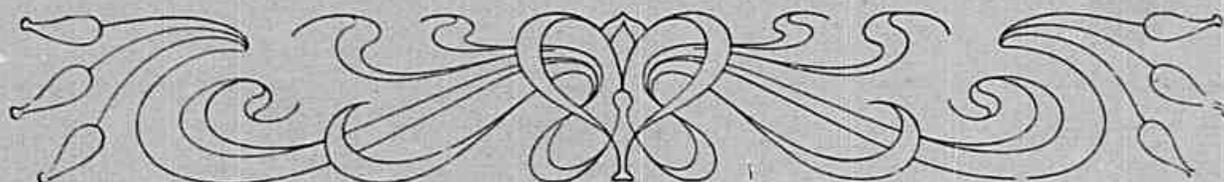
Por mais que se examine não se consegue descobrir o ponto de inserção, a fenda que a natureza abriu para as sementes se escaparem do fructo.

A dehiscencia da sapucaia é uma maravilha da flora tropical.

Como é bella a natureza!...

RODOLPHO THEOPHILO.

Ceará — 1905.



UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA DA BAHIA

O culto do Senhor do Bomfim, uma das mais vivazes tradições do Brasil, basta por si só para documentar a maneira como o povo bahiano entretêm as suas relações com o divino e cultiva as suas crenças catholicas.

Já estamos, é verdade, um pouco longe dos pomposos oitavarios em que o bairro do Bomfim, e toda a península por elle dominada, se povoavam de caravanas vindas do Reconcavo, dos altos sertões da provincia e d'alem do S. Francisco, para tomarem parte na representação do estupendo martyrio que tinha por theatro a airosa collina de Itapagipe. Ainda em 1881 podia escrever, sem exagero, um chronista local: "Acódem á importante festa do Senhor do Bomfim, a primeira da Bahia e talvez de todo o Brasil, mais de 30 mil pessoas de todas as classes da sociedade e de toda a parte."

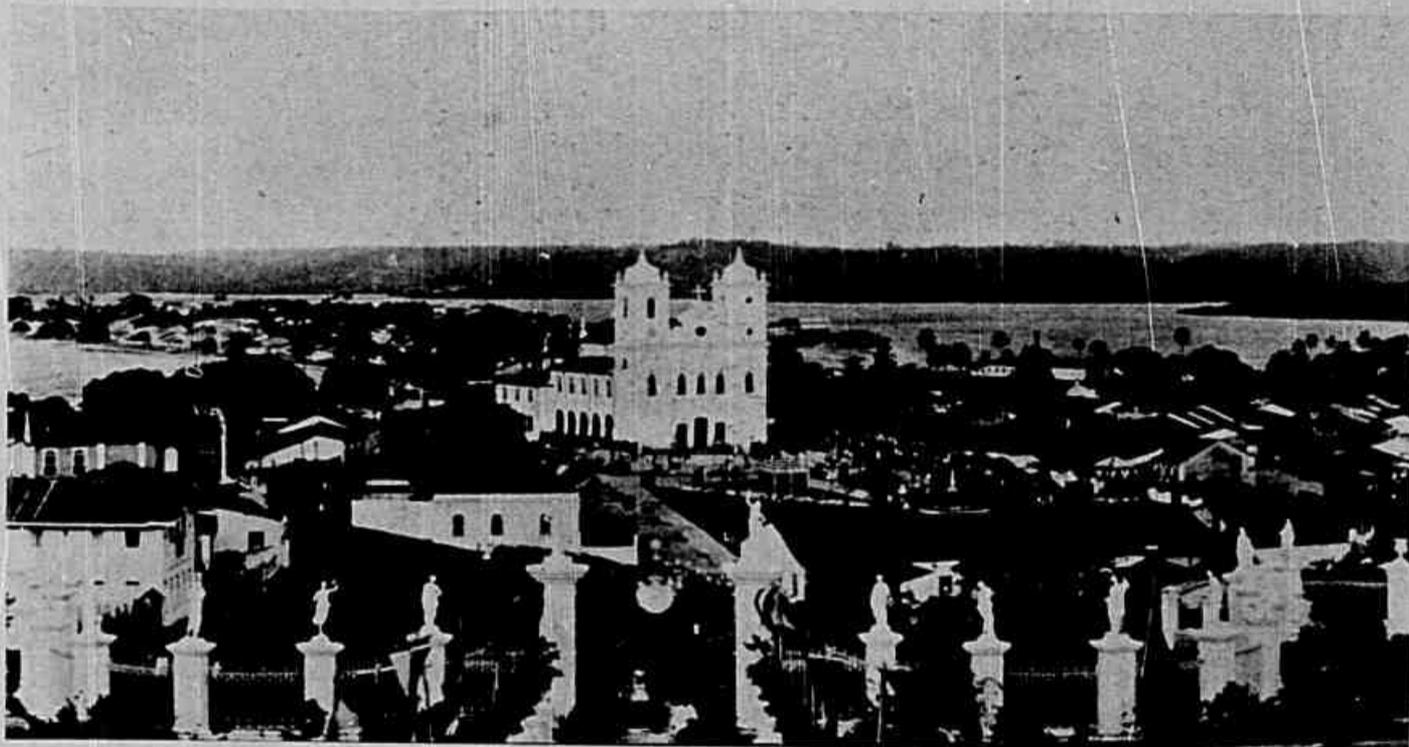
Hoje o sertanejo contenta a fé, indo mais perto dos seus campos geraes e das suas serras, á gruta do Bom Jesus da Lapa. O habitante da matta e dos Engenhos vae ao santuario de Nossa Senhora das Candeias, a Lourdes bahiana. As peregrinações a Itapagipe diminuíram de volume; as *casas dos romeiros*, as que restam de pé, já se alugam a familias da capital para estações de verão e mudança de ares.

O programma da festividade externa tambem soffreu modificações que a grande massa dos crentes não approvou, mas a que afinal se resignou, coagida pelas reiteradas prohibições ecclesiasticas, a que todavia foi preciso o reforço da policia armada.

Na quinta-feira da oitava do Bomfim era costume antigo da plebe fazer a lavagem do templo.

Essa lavagem, á parte sua intenção inicial, excedia tudo quanto, no correr de 1534, interdizia nestes termos o bispo de Evora:

"Defendemos a todas as pessoas *ecclesiasticas* e *populares*, de qualquer estado ou condição que sejam, que não comam nas egrejas, nem bebam, com mesas nem em mesas; nem cantem, nem bailem em ellas, nem em seus adros, nem os leigos façam seus ajuntamentos dentro d'ellas sobre coisas profanas; nem se façam nas ditas egrejas ou adros d'ellas jogos alguns, posto que sejam em vigilia de santos ou de alguma festa, nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo ou de sua Ressurreição, ou nascença, de dia nem de noite, sem



VISTA PANORAMICA DO BOMFIM

nossa especial licença, porque de taes actos se seguem muitos inconvenientes, e muitas vezes trazem o escandalo no coração d'aquelles que não estão mui firmes na nossa santa fé catholica, vendo as desordens e excessos que nisto se fazem."

A "lavagem do Bomfim", tantas vezes suspeitada de africanismo e selvagismo, tem, como se vê, os seus antecedentes ou, pelo menos, os seus precedentes historicos na velha e civilizada metropole portugueza. Era, na verdade, um pandemonium ás portas do céo, uma assombrosa bambochata, cujas liberdades com o sagrado chegaram ao delirio da irreverencia. E perdeu-se por isso aquelle pittoresco e eloquentissimo quadro vivo de costumes.

Quem se não recorda na Bahia dos longos sequitos de aguadeiros e carroceiros, a guiar ca-

vallos enramados com folhagem de pitanga e barulhentas carroças atacadas de lenha, pela Calçada do Bomfim até o adro da igreja, onde já tripudiavam creoulas e mulatas, gente de todas as castas e matizes, com a bateria de tinhas,

souras chapinhavam nas lages da nave, olhares caprinos, incendiados em chammas alcoolicas, devoravam collos negros e impantes, onde as contas do rosario vibravam como guizos de mascarado. Não faltavam ao espectáculo nem as gaiatices do espirituoso capadocio, nem musicas apropriadas ao tom da colossal pagodeira.

O excesso provocou a hostilidade systematica do clero e da imprensa. Mas tiveram que suar o topete antes que a *lavagem* se curasse dos seus desatinos e loucuras de Entrudo. Anos houve em que as portas da capella, trancadas por ordem superior, escancaravam-se momentaneamente, e como por encanto, á invasão das hordas devotas. E o diluvio repetia-se.

E' assim que se expande o catholicismo do mestiço bahiano: a sua religião não dispensa, por nenhuma consideração, o aparato e o estrondo carnavalesco. Elle crê e ora, ouve missa e communga, mas não faz voto de renunciar o rico prazer de dar vivas ao santo, como os dá ao carro do caboclo em 2 de Julho e ao estandarte dos *Fantoches* e do *Cruz Vermelha*. Murmurou-se muito, aqui ha tempos, contra certas medidas restrictivas tomadas pela autoridade archiepiscopal acerca das procissões, e contra a ordem, emanada do mesmo poder, que vedou ás philarmonicas e bandas marciaes tocarem no recinto das igrejas. Tudo isso é necessario, é indispensavel ao temperamento religioso deste alegre povo. Com elle perdem o seu tempo os zelosos pastores evangelicos que tanto se afadigam por

atrahil-o ás ceremonias frias, simplissimas e severas das suas seitas protestantes. O bahiano quer entrar no céu, mas com alardo e fanfarra.

A festa do Bomfim continúa a congregar no formoso bairro a maior massa de gente que para essas devoções costuma arrojarse de fóra e dentro da cidade. Ou porque o Senhor d'aquelle outeiro lhe prodigalisa mais graças, ou porque o outeiro onde se eleva a casa do Senhor offereça campo mais propicio aos folguedos do povo, o certo é que até hoje nenhuma festa de igreja, nesta terra de tantas igrejas, e ha seculo e meio, tem logrado a popularidade desta. Não ha invocações novas ou antigas que consigam abalar o



CAPELA-MÓR

bacias, esfregões e vassouras? Quem a viu, que a esquecesse, aquella extraordinaria festa d'agua e alcool, aquella enorme disparate de *bemditos* e chulas, de rezas e gargalhadas, de gestos contrictos e bamboleios deshonestos? A Venus hottentote lá exhibia as suas opulencias carnaes e os seus rebolados de dançarina; os ranchos de agua-deiros despejavam os barris e sambavam com garganteios estentoreos. Soavam bacias como sinos rachados; o estrepito das palmas formava um matraquear ensurdecador. Num mesmo instante joelhos que se dobravam deante dos altares estiravam-se agilmente nos passos e voltas do mais atrevido fandango. Enquanto as vas-

throno de ouro do divino Bom Jesus; não ha milagres que escureçam a fama dos seus milagres, nem para os convalescentes, ligados por promessas, ha ladeira mais suave de subir do que essa que em dous lanços conduz ao adro do Bomfim. A cêra e os obulos de que se sustenta o culto, sejam quaes fôr as crises das finanças profanas, multiplicam-se como os pães da Escriptura. *A casa dos milagres* já se estende por duas salas da capella.

O officio annual é sempre rico e deslumbrante, mas a grande, a incomparavel festa é cá nos fóras, ao ar livre. Reprimida a licença da *lavagem*, este povo, tão interessante na manifestação da sua religiosidade quanto engenhoso no prazer, instituiu a "segunda-feira do Bomfim", que é um supplemento á semana festiva. Paralyssa-se o commercio, fecham-se officinas, amortece a actividade nas fabricas, os jornaes apressam ou supprimem as tiragens, a criadagem deserta a casa dos amos, a cidade inteira cahe num silencio de tapéra... E' a "segunda-feira." Todo o movimento, toda a vida bahiana se desloca para o arrabalde com a sua alegria atroadora. A companhia *Carris Electricos* foi uma obra da Providencia. As legiões da folia marcham e contramarcham, revolvendo a poeira de Itapagipe, banqueteadando-se nas ruas; ha musicatas, violões, modinhas, sambas, concertos, córos ambulantes, uma inferneira. Cada anno a musa da jogralidade rebenta em novas e desopilantes producções. Ha uns dous annos cantou-se no Bomfim, e depois na Bahia inteira, uma especie de aria burlesca muito expressiva. Depois de uma quadrasinha qualquer disparatada, vinham alguns disticos neste gosto:

Macaco, tua mãe tem rabo:
E' o diabo, é o diabo.

Macaco, tua mãe é morta,
Eu que me importa, eu que me importa.

Macaco, tua mãe morreu;
Antes ella do que eu.

Ao findar a serie, respondia o côro:

— Ai! ai! ai!
Eu não era assim.
Foi cousa que me fizeram...
Segunda-feira do Bomfim.

* * *

Rezam as chronicas da cidade que no governo do vice-rei conde de Atouguia, o capitão de mar e guerra Theodosio Rodrigues de Faria, sendo grande devoto do Senhor Crucificado que veneram em uma capellinha nas proximidades de Setubal, em Portugal, trouxe de Lisboa para aqui uma imagem do Senhor, feita pelo modelo e á semelhança d'aquella.

Corria o anno de 1745, e era arcebispo da Bahia D. José Botelho de Mattos, quando pela Paschoa da Resurreição foi a imagem collocada na egreja de Nossa Senhora da Penha de Itapagipe. O acto revestiu-se de solemnidade e



SACRISTIA

pompa, e as multidões começaram a peregrinar para a Penha, afervorando a devoção.

Havia o capitão de mar e guerra promettido edificar um templo consagrado ao seu Crucificado, e não descançou. O sitio escolhido foi essa graciosa collina que tantas gerações de romeiros têm perlustrado ha cento e cincoenta annos. Cerca de um decennio depois de iniciada a devoção na Penha, erigia-se naquelle cimo a capella do

Senhor do Bomfim, sendo a imagem para lá conduzida processionalmente em 24 de Junho de 1754. Occorridos tres annos fallecia Theodosio

Rodrigues de Faria, cujos despojos tiveram sepultura rasa junto ao presbyterio da capella.

A orientação do edificio obedece ao typo classico: "abre onde se põe o sol e corre contra o nascente, segundo a postura das egrejas antigas." Do seu adro goza-se o mais bello panorama da cidade e da bahia.

Os mais importantes melhoramentos que tem recebido desde a sua fundação foram: as pinturas do tecto e dos paineis dos altares, onde o artista Franco Velasco representou os passos da Paixão; os quadros da sacristia e dos corredores sobre themes da Escripura, trabalho de outro pintor bahiano, José Theophilo de Jesus; os dous vastos paineis de Bento Capinam á entrada da capella, representando a "morte do justo," e a "morte do peccador,;" a construção dos corredores, que foram antigamente alpendres; e o chafariz de marmore Carrara, a pouca distancia do adro, encimado pela estatua do Salvador.

Estas ultimas obras, e outras externas, como a reforma do calçamento e o parque, foram promovidas pelos Drs. Freire de Carvalho, pae e filho, que se têm succedido na mesa e thesouraria da irmandade, zelando essa devoção tradicional dos seus avós.

Bahia — 1905.

XAVIER MARQUES.



UM CANTO DA CASA DOS MILAGRES



Elogio da Loucura

ERASMO

VERTIDO E ANNOTADO PELO

DR. PIRES DE ALMEIDA

DEFINIÇÃO DA LOUCURA, SEU ESTADO-MAIOR,
INFANCIA E VELHICE

Ide agora, tristes mortaes, procurar, para que vos remoece, a Medéa ou Circe, a Venus, a propria Aurora, e não sei que outras fontes de Juventude. Baldado afan, porque só eu, a Loucura, posso operar esse milagre. Sou a unica depositária do maravilhoso balsamo, de que se utilisou Memnon 1) para prolongar a mocidade de Titão 2); sou a Venus, que restituiu a Phaon 3) o viço da mocidade, para que o amasse a encantadora Sapho 4).

E' nos meus dominios que medram as plantas, e onde se manipulam os feitiços, e jorram as fontes que perpetuam a mocidade.

Si, pois, acreditaes que nada é mais bello e estimavel que a mocidade, e nada mais horrendo e intoleravel que a senectude, cumpre-vos confessar que muito me deveis, a mim, á Loucura, pois, ninguem contestará, prolongo aquella e retardo esta.

Mas, deixemos em paz os mortaes; escalêmos o céu, e permittirei que me injuriem si houver, por lá, algum deus, que valha sem mim alguma cousa. Si o famigerado Baccho é tão rosado, e conserva seus louros cabellos, é porque, sempre alegre e facêto, passa o tempo em diversões e prazeres, pouco se lhe dando os conselhos de Pallas. Longe de aspirar ao titulo de sensato e sapiente, muito ao contrario contenta-se com o appellido de *Maluco*, que lhe puzeram, e assenta como uma luva; e nem com isso se offende, apezar dos camponios lhe borrarem a estatua, nos templos, com vinho novo e môsto de figos.

Mas, quem, ainda assim, não preferirá este deus estonteado e bôbo, como o chamam, porém sempre risonho, amavel e prazenteiro, a um Jupiter carrancudo e feio; a um Pan, cuja calva, por si só, inspira mêdo; a um Vulcano, todo respingado de faiscas e de carvão; a uma Pallas, finalmente, de olhar sinistro, com sua Gorgona e lança homici-

1) Aurora, espôsa do bello Titão, irmão de Priamo.

2) Filho de Laemedon, rei de Troia. Era de tão rara belleza, que a Aurora apaixonou-se por elle e o furtou.

3) Natural de Lesbos, tambem de rarissima formosura. Os poetas dizem que Venus lhe fizera esse presente em paga de serviços que lhe prestára, quando capitão de navio.

4) Lesbiana de nascimento notavel, não só pela belleza, mas ainda pelo aprimorado talento poetico, celebrizou se pela excessiva paixão que concebêra por este mancebo que, recusando-se a correspondê-la nos ardôres, atirou se ao mar.

da?... Si da infancia Cupido não sae, é porque, sempre folgazão, nada diz, nem faz, que sensato seja. Si Venus, no semblante, conserva perennes as côres do lyrio e da rosa, é porque, tal qual a Loucura, tendo a mesma origem, isto é, o mesmo pae, com elle nos parecemos ambas. E' por isso que Homero a denomina—deusa dos cabellos de oiro; é por isso tambem que os poetas, estatuarios e pintores representam-n'a sempre com o riso nos labios. Flora, a deusa dos prazeres idéaes, das flôres e dos jardins, foi uma das mais festejadas divindades de Roma.

Si quereis agora conhecer as maroteiras dos vossos deuses mais sizudos e circumspectos, lêde Homero e os demais poetas da antiguidade. Quem ha ali que ignore as brejeiradas do tonante Jupi-



ter? A pudica Diana, que em veado transformára o leviano Acteon por havê-la espiado ao banho, nem por isso deixou de perder o sizo pelo pastor Endymião. 5) Eu desejaria muito que Mômoo 6) aqui estivesse para contar-vos todas as patifarias d'esses *bilontras*. Verdade é que já lhe custou caro a temeridade, porque, uma feita, tendo imprudentemente dado á taramela, sollemnemente encavacados, com a cousa, o precipitaram lá de cima, acompa-

5) Fugia do Olympo, á noite, para encontrar se com esse pastor, a quem loucamente amava.

6) Deus da Zombaria e das boas pilherias. Entretinha se em metter a ridiculo os actos, nem só das demais divindades, como até dos proprios homens, censurando-os livremente, sem *papas na lingua*.

nhado de Atêa 7); e o infeliz vaga por este mundo sem eira nem beira: para cumulo de infortunio, a Lisonja, que occupa os melhores aposentos nos palacios dos reis, gosta tanto d'elle como o lobo do cordeiro.

Depois do exilio de Momo, os Immortaes vivem na mais perfeita harmonia, e gozam da mais ampla felicidade, porque já não tem quem os censure e critique. Priapo fal-os rir; Mercurio 8) entretém-n'os com suas empalmações, espertezas e velhacadas; Vulcano, diverte-os com suas palhaçadas, asneiras e ineptias; e o velho, o rabugento Sileno, desfructavel e amôroso, executa o bailado de Polyphemo e as Nymphas, com todos seus derrickos e tregeitos. Os caprinos Satyros, por sua vez, dansam



tambem, ao passo que Pan canções entôa de taverna, mais engraçadas e convidativas, certamente, que as insulsas cantilenas das Musas.

Devo acaso dizer-vos, por ultimo, o que fazem os deuses depois de fartamente banqueteados e profusamente emborrachados? Quando nisso penso custa-me a conter o riso, taes são as extravagancias a que se entregam.

7) Deusa da Maldade e da Sizania. Occupava se em perturbar o espirito dos homens, expôndo-os ao mal, e semeiar entre elles a intriga

8) Deus do commercio e dos ladrões. Desde criança notabilizou-se pelas suas ligeirezas e peloticas; e assim, furtou o tridente a Neptuno, a espada a Marte e o cinto a Venus; o que não obstava que fôsse tambem o deus da frequencia e o mensageiro dos amantes.

E' o caso de lembrar aqui o dêdo de Harmocrate 9), receiando que algum espia dos Immortaes nos oiça dizer, o que Momo não disse impunemente.

Vistes que sou eu, a Loucura, quem distribue a alegria e o prazer.

Á exemplo de Homero, entretanto, que escala o céo e baixa á terra a seu bello prazer, deixemos aquelle para descer a esta.

Observae, antes de tudo, o desvelo da Natureza, essa mãe-universal, em tudo temperar com certa dóse de loucura. A sabedoria, segundo os estoicos, baseia-se em tomar sempre a razão por guia, enquanto que a Loucura consiste em abandonarmo-incondicionalmente ás paixões. Papáe Piter 10), não desejando que a vida fosse um vale de lagrimas, deu-nos, na proporção de vinte para um, mais paixões, que juizo; e, ao passo que encantou o bom senso lá n'um pontinho escuro do cerebro, no mesmo passo entregou todo o resto do organismo a mil differentes desordens. A' razão, oppoz dous desapiadados tyrannos—a Colera, que domina o coração, e a Volupia, que campeia impávida nas demais partes do corpo.

Si desejaes aquilatar a fraqueza do dominio da razão sobre estas duas porções reunidas, não tendes mais do que observar de sangue frio o procedimento dos homens entre si: isso bastará para convencer-vos de que, em todos os tempos, foram sempre impotentes e inuteis os conselhos do discernimento contra os impetos da tentação e da carne.

Si, por um lado, cumpria que o homem, nascido para as canceiras da vida, fosse dotado de algum bom senso, por outro lado era tambem de bôa equidade tornal-o feliz; e a Natureza, vendo-se embaraçada, veio consultar-me sobre o modo de safar-se de semelhante entaladela. Aconselhei-a que associasse o homem á mulher, *bicho* realmente extravagante, e ás vezes importuno, mas que, não raro tambem, nos encanta e faz rir, para que, com suas seducções, temperasse, calmando, a aspereza do character masculino. Platão, quando pôz em duvida si a mulher era, ou não *gente*, teve por unico designio mostrar-nos o quanto ella está fóra da razão humana. Algumas ha, effectivamente, que fingem ter muito juizo; mas, com isso, ellas provam apenas duplice loucura, isto é, que são duas vezes doudas, porque disfarçar a Natureza com os affeitos de virtude, equivale a querer fazel-a mudar de rota, requintando o ridiculo, isto é, juntando o ridiculo ao ridiculo; porquanto, lá diz o rifão grego—*o macaco, ainda que o vistam de purpura, é sempre macaco*; o mesmo succede á mulher: por mais que ella procure disfarçar, será sempre mulher, isto é, louca varrida, douda de *pedras*. Creio, entretanto, que o não serão ao ponto de se darem por offendidas que a Loucura as reconheça por suas semelhantes, sendo aliás tambem do mesmo sexo. Tudo isso, pois,

9) Deus do Silencio. Era representado na figura de um rapaz semi-nú, tendo em uma das mãos um chifre, e o indicador da outra apumado por sobre os labios.

10) Nome caseiro de Jupiter.

bem calculado, a mim ellas o devem, si são, como realmente são, mais felizes do que os homens.

A belleza, que a tudo preferem, e com razão, constitue seu principal adorno, e por meio d'ella submettem ao seu imperio té os mais cruentos tyrannos. Contemplae agora o homem,—o que vêdes? modos grosseiros, pelle aspera, barba hirsuta, e tendencia a envelhecer antes de tempo. Tudo isso lhe vem da tal Sabedoria. As mulheres, ao contrario, que se não entregam aos estudos, ás cogitações philosophicas, têm as feições miudinhas, pelle macia, voz assucarada, e conservam por toda a vida resquícios da mocidade. Seu unico objectivo é agradar ao homem; e, para isso, se enfeitam, se penteiam, se arrebecam, se perfumam, e usam de certos artificios que o prendem e seduzem inconscientes.

A Loucura não é, pois, a melhor carta de recommendação, que as mulheres podem ter para os homens? e si, effectivamente, ao prazer se deve a preponderancia que exercem sobre o sexo opposto, a ninguém mais, sinão á Loucura, devem ellas agradecer serem assim tão desejadas.

Mas, individuos ha, e notadamente os velhos, que preferem Baccho a Venus, fazendo consistir toda sua felicidade no conteúdo de uma garrafa. Duvido, não obstante, que a esvasiem alegremente si não entrarem mulheres na festança. E' insipido qualquer banquete, em que as iguarias não são adubadas pela Loucura; e quando entre os convivas, não se ache um d'esses pandegos, doudos por natureza, ou pela força das circumstancias, que sabem animar um festim, o banqueteadado vê-se coagido a ir buscal-o fóra, lançando mão muitas vezes de qualquer parasita de profissão, que, com suas pilherias e palhaçadas, afugenta da mesa o silencio e a tristeza.

Outros haverá, que deem pouco apreço a estas cousas, e façam consistir a suprema felicidade na intimidade do lar e dos amigos. E dir-vos-hão que a amizade sincera é o maior de todos os bens; e tão necessaria á saúde, como o ar, e o calor o são á vida; que desterral-a d'este mundo, equivale a esconder-lhe o sol; em summa, que é um prazer tão puro e honesto (como si pureza e honestidade fossem cousas a tomar ao serio), que os philosophos não hesitaram de a collocar na cathogoria dos primeiros bens. Mas, que me respondereis si eu vos provar que sou o principio e o fim d'esses decantados beneficios? e, isso, não por *atqui* e *ergò*, não com syllogismos, dilemmas, sorites e subterfugios, mas com o simples bom senso.

E dizei-me: não é acaso loucura encobrirmos os defeitos de nossos amigos, convertendo-nos d'ess'arte em seus cúmplices? Pois que! quando um amante beija deliciosamente a impingem de sua amasia, quando o fétido do nariz de Ignez deleita o olfato do seu imbecil namorado, quando o cego pae quer convencer-vos de que o filho apenas pisca, quando a infeliz creança é completamente strabica; dizei-me: todos elles estão ou não loucos? Sim; e mesmo ao som de clarins, podemos proclamal-o.

Quanto ás nossas divindades impassiveis 11), ou os laços da amizade não os prendem, ou esses laços são tão tristes e pesados, que melhor se podem chamar grilhões. Poucos ha, para não dizer nem um, unidos por esse vinculo; mas, deixemol-os de parte, e nos occupemos apenas dos homens. A amizade, entre elles, é simples effeito de analogia. Quando casualmente estabelecida em limitada roda de individuos serios, reflectidos, sisudos, suas raizes são tão debeis que logo seccam. A gravidade d'essa gente basta para afugental-a. Além disso, elles teem olhos de lynce para seus intimos, e de toupeiras para si mesmos: nunca enxergam o surrão que trazem as costas.



Os homens são escravos de seus erros; accrescentae a isso a differença das indoles e muitos outros desvarios que sobreveem no decurso da vida. Claro está que a amizade não conservaria um só instante os seus attractivos, si os homens não fchassem os olhos aos defeitos dos amigos. Cupido, principio e fim de todos os sentimentos ternos, é cego; e assim como não raro lhe acontece tomar a fealdade por belleza, assim tambem o homem a miudo se engana. Eis porque cada qual ama o seu analogo: o velho, á velha,—o moço, á moça.

O que deixo dito da amizade, assenta por igual ao casamento. O' deuses! quantos divorcios, e talvez cousas peiores haveria, si a união do homem á mulher não fosse consolidada pela lisonja, pela ga-

11) Eram assim denominados, por Erasmo, os estoicos.

lanterna, pela complacencia e dissimulação, attributos esses que fazem parte da minha bagagem?

Quão raros seriam os casamentos si o homem se informasse dos precedentes de sua innocente noiva! Quantos rompimentos não haveria si o despeito ou a bôa fé do pobre marido lhe não impedisse vêr gestos e factos de sua cara metade! Levasse tudo isso á conta de loucuras; convenho: mas, o que não ha negar, é que d'ahi resulta a harmonia entre os dous conjuges, a paz domestica, sem o que a alliança não duraria muito. Mais ainda: não ha dichotes que se não lancem á cara do nescio esposo; mas,—que lhe importam!—elle enxuga ternamente as lagrimas da infiel companheira, e sua nimia bondade livra-o dos tormentos e furores do ciuime, de pancadas até.



Em summa, a mim se devem a estabilidade e o prazer sociaes. Os subditos e o monarcha, o criado e o amo, a aia e a patrôa, os discipulos e o mestre, marido e mulher, os collegas, os commensaes, não se harmonisariam por espaço de muito tempo, si, de parte a parte, não houvesse alguma illusão e lisonja, si não se perdoassem reciprocamente muita tolice, e não se untassem de vez em quando os beiços com o mel da loucura.

Tudo isso vos está, talvez, parecendo extravagante; pois bem: o que passo a dizer-vos requintará por estranho e bizarro.

Póde alguém estimar a outrem, si a si mesmo odeia? póde alguém concordar com terceiro, quando consigo discorda? póde alguém procurar o prazer

si a existencia lhe pésa? Seria preciso, dir-me heis, ser mais louco que a propria loucura para responder affirmativamente. Pois bem: si me renunciardes, homem algum haverá que, longe de poder supportar a outro, não acabe desgostando-se de si mesmo, e não despreze o que tem,—que não se odeie, em summa. A Natureza, salvo raras excepções, mais madrasta, que mãe, semeiou eu vossas almas o germen de que são fructos o descontentamento de si proprio, e a admiração por tudo quanto é alheio. De que serve, por exemplo, a belleza, dom precioso do céu, si a deixaes estragar-se? que prestimo teria a mocidade, si o fermento da melancolia lhe corrompesse as graças? finalmente, como desempenhariéis as funcções da vida publica e particular sem o auxilio da filauçia, que bem posso chamar minha irmã, pois que tanto me serve? Serieis ao mesmo tempo admiradores de vós mesmos e descontentes de quanto fizesseis, ainda que bem feito, e havendo guardado as proporções e o methodo: o que certamente se deveria levar á conta de loucura. Tire-se da vida o encanto do amor proprio e o orador tornar-se-ha frio e desconsolado; o musico, fastidioso e monotono; o actor, intoleravel; e o poeta, desenxabido, desprezivel. O pintor, inspirado embora, em vão empregará o seu tempo; e o medico morrerá á mingua com suas drogas. Nireu 11) será um Thersita 12); Phaon um Nestor 13); e Minerva uma coruja. O tribuno não passará de uma criança, que balbucia apenas; e vossa urbanidade e cortezia serão tidos por modos e costumes de rusticos aldeiões. E isso é tanto mais certo quanto um rifão popular diz que, para sermos pelos outros applaudidos e festejados, devemos começar sempre por nos encarecer e applaudir a nós mesmos.

Em resumo, consistindo principalmente a felicidade na satisfação do nosso eu, o amor proprio, nesse ponto, faz maravilhas: a elle se deve cada qual contentar-se com a cara que tem, genio, origem, estado, costumes e patria. O irlandez nada inveja ao italiano, nem o thracio ao atheniense.

Admiravel providencia da Natureza, que pôz a egualdade, a uniformidade e a semelhança em meio de tantos elementos dissemelhantes e heterogeneos! E,—ó singularidade!—ella foi precisamente mais prodiga de amor proprio, onde justamente mostrou-se mais mesquinha de beneficios. Beneficios, disse eu? Não! empreguei impropriamente esse vocabulo, porque o amor proprio, só por só, vale por todos os demais bens. E posso, sem receio de erro, affirmar que não ha facto heroico, que deixasse de ser por mim suggerido; nem descoberta, de que se me não deva a invenção.

E' o que posso provar.

A guerra é, como sabeis, o grande scenario dos actores heroicos. E, digam-me em consciencia, ha-

11) e 12) Nireu o mais bello dos gregos que partiram para o cerco de Troia; e Thersita, inversamente, o mais feio.

13) Nestor era já avançadissimo em edade quando levou os pylios e os messenios ao cerco de Troia; dizendo-se, por isso, que elle *vivera tres vidas d'homens*.

verá maior loucura do que ella? Dá-se doudice mais varrida, que a de travar por motivos insignificantes, e ás vezes ridiculos, sanguinolentos, combates que sempre acabam sendo mais desastrosos, que uteis, ás facções empenhadas na lucta? Alli, pouco aprêço se dá ás vidas; e tanto peor para os que cahem victimas de sua coragem. Mas, quando os exercitos se avistam, e os clarins tocam—*avançar! avançar!* quizera que me dissessem que papel fariam, n'aquelle sarilho, os taes sabichões, amollentados pelas meditações, com as pernas bambas pelo estudo perenne, e o sangue regelado pela vida mental? Para este officio, precisa-se de cidadãos fortes, robustos, espadaúdos que tenham menor senso, e mais pulso. Quererieis acaso um Demosthenes, tão máo soldado, quão eximio orador, que, docil ao conselho de Archilocho, atirou o escudo pelos ares apenas avistou o inimigo, e deitou a correr como um veado? Mas, objectar-me-heis: é a *cabeça* quem decide da sorte da guerra. Convenho: a cabeça de um general, e não a de um philosopho.

Além d'isso, quaes os instrumentos d'esta nobre profissão? Acaso os litteratos? Nunca! São positivamente os desclassificados, os ebrios, os fallidos, os parvos, os *cascas-grossa*; a escoria, em summa, das nações.

Os lettrados não prestam absolutamente para reger ou administrar negocios publicos. Socrates, por exemplo, que o oraculo de Apollo atirou aos quatro ventos,—por engano, certamente,—como o mais sabio dos mortaes, aventurando-se a subir á tribuna, sahio-se tão mal da emprêza, que o auditorio o apupou. Não obstante, o illustre creador da sciencia da moral, nem sempre disse asneiras; antes,

teve bastante bom senso para conhecer que o epitheto de sabio só a Deus convinha, e que o mortal que ousasse pretender esse titulo não estava na altura de aspirar a cargos publicos. Melhor teria elle dito que, para ser homem, pouca sabedoria basta. Não foi acaso, por seu malfadado saber, que o condemnaram a morrer pela cicuta? Que pascao! desperdiçou seus melhores annos em devaneios philosophicos, a calcular os saltos da pulga, a admirar o zumbido da mosca, não consagrando siquer algumas horas á arte de bem viver com os homens! Platão, seu discipulo, e outro pateta tal elle, toma a peito defendê-lo; bom advogado, não tem duvida,—póde limpar as mãos á parede; aterrado com a bulha da multidão, nem teve mesmo coragem de concluir o primeiro periodo de sua extensa arenga. Que me dizeis agora de um tal Theophrasto, que subio a tribuna para emmudecer, como si inesperadamente lhe tivesse apparecido um cão damnado? Que excellente general para incitar os soldados á victoria; heim?!... Isocrates, por timido, nunca se atreveu a abrir a bôcca em público; e Cicero, o pae da eloquencia romana, começava sempre os seus discursos a tremer como varas verdes, e com tal cara que parecia birrenta criança a choramingar. Quintiliano explica a seu geito essa especie de cobardia, dizendo ser prova de bom senso da parte do orador, pois dá mostra de modesta, temendo o fiasco. Bem póde ser; mas não será tambem evidente prova de que a sabedoria afugenta a coragem? Pessimo soldado seria aquelle, que só as palavras fazem-no tremer!

—*Continúa*—



HISTORIA PATRIA

Que era "a vida segura e conversavel", instituida por Martim Affonso nos praias de São Vicente e nos campos de Piratininga?

Ao começar o seculo XVI, Portugal labutava na transição da idade média para a era moderna. Coexistiam em seu seio duas sociedades completas, com sua hierarchia, sua legislação e seus tribunaes; mas a sociedade civil não professava mais a superioridade transcendente nem se sujeitava á dependencia absoluta da igreja, despida agora de muitas de suas historicas prerogativas, obrigada a reduzir suas pretenções.

O estado reconhecia e acatava as leis da igreja, executava as sentenças de seus tribunaes, declarava-se incompetente em quaesquer litigios debatidos só entre clerigos, só punia um ecclesiastico si, depois de degradado, era-lhe entregue por seus superiores ordinarios, respeitava o direito de asylo nos templos e mosteiros para os criminosos cujas penas eram de sangue, abstinha-se de cobrar impostos do clero.

A igreja dominava soberana a familia pelo baptismo, tão necessario á vida civil como á salvação da alma, pelo casamento que podia permitir, sustar ou annullar com impedimentos dirimentes, pelos sacramentos distribuidos atravez da existencia inteira, pela excommunhão que incapacitava para todos elles, pelo interdicto que separava communidades inteiras da communicação dos santos, pela morte, permittindo ou negando suffragios, deixando que o cadaver descançasse em logar sagrado junto aos irmãos ou apodrecesse nos monturos em companhia dos bichos; dominava pelo ensino, limitando e definindo as crenças, extremando o que se podia do que não era licito aprender ou ensinar.

Contra ella, na esphera estreita ainda em que firmara sua competencia, depois de luctas com o papado e com o clero indigena, o estado empregava o placet para os documentos emanados do solio pontificio, os juizes da corôa para resguardar certos orgãos essenciaes ao exercicio normal da soberania plena, as leis de amortisação para limitar-lhe as aquisições prediaes, as temporaridades para abater certas resistencias. Em compensação, repartia sua jurisdicção com o

outro poder em casos por isto chamados mixtiffori, prestava o braço secular para executar, até por morte violenta, os condemnados pelo juizo ecclesiastico, duramente castigava certos actos só por que a igreja os considerava peccaminosos, em summa o mesmo que hoje os interesses economicos ou fiscaes pesavam então inspirações religiosas e considerações ecclesiasticas.

Apezar de tudo occurriam frequentes attritos entre a igreja e o estado, aquella disposta a abrir o menos possivel mão de suas attribuições antigas, este conquistando ou assumindo sempre novas attribuições, para arcar com os problemas crescentes, legados onerosos do regimen medieval, exigencias inadiaveis de uma situação transformada pelo commercio fortalecido, pelas communicações amiudadas, pela industria renascente, pela renovação intellectual, pela circulação metalica em lucta contra a economia naturista, rasgando horizontes mundiaes.

Como o papa, cabeça da sociedade religiosa, o rei tornara-se o sujeito juridico da sociedade civil; na qualidade de senhor absoluto, seus poderes não admittiam fronteiras definiveis, invocados como um principio de equidade superior, como remedio a casos excepcionaes, graves e imprevistos. De outros poderes susceptiveis de definição, podia fazer uso mais ou menos completo e alienal-os em parte.

Era direito real bater moeda, crear capitães na terra e no mar, fazer officiaes de justiça, do infimo ao pino da carreira, travar guerra, chamando o povo ás armas com os mantimentos necessarios. Para seu serviço tomava carros, bestas e navios dos subditos; pertenciam-lhe as estradas e as vias publicas, os rios navegaveis, os direitos de passagens de rios, os portos de mar com as portagens nelles pagas, as ilhas adjacentes ao reino, as rendas das pescarias, das marinhas, do sal, as minas de ouro, prata e quaesquer outros metaes, os bens sem dono, os dos malfeitores de certos crimes. El-rei concentrava toda a faculdade legislativa, os votos das Côrtes só valiam com o seu assenso e emquanto lhe aprazia, pois as disposições mais precisas podia dispensar, especificando-as; juizes e tribunaes eram delegações do throno.

Abaixo do rei estava a nobreza, numerosa em familias como nas distincções que separavam umas de outras, comprehendendo desde os senhores donatarios, com honras, coutos e jurisdicção,

e os grãos-mestres das ordens militares, cujo mestrado o rei houve por bem afinal assumir, até simples cavalheiros e escudeiros. Seu poderio fora grande; agora contentava-se com o monopólio dos cargos publicos, com o papel saliente nos tempos de guerra ou nos conselhos da corôa, com a situação privilegiada nas questões penaes, em que o titulo de nobre defendia dos tormentos ou acarretava diminuição de pena. A nobreza não era uma casta exclusiva; davam para ella varias portas, entre as quaes as das letras.

Abaixo da nobreza acampava o povo, a grande massa da nação, sem direitos pessoaes, apenas defendidos seus filhos por pessoas moraes a que se acostavam, lavradores, mecanicos, mercadores; os de mór qualidade chamavam-se homens bons, e reuniam-se em camaras municipaes, órgãos de administração local, cuja importancia, então e sempre somenos, nunca pesou decisivamente em lances momentosos, nem no reino, nem aqui, apesar dos esforços de escriptores nossos contemporaneos, illudidos pelas apparencias fugazes ou cegados por idéas preconcebidas.

Abundavam pessoas moraes a que o povo se podia filiar, — corporações limitadas como as de moedeiros e bombardeiros, collectividades maiores como os cidadãos do Porto. Os privilegios inherentes a estes foram outorgados a varias cidades do Brasil, Maranhão, Bahia, Rio e S. Paulo pelo menos; pelo que encerram dão bem a idéa de direitos regateados a quem tinha para soccorrer-se a mera qualidade de ser humano.

A estes felizes cidadãos do Porto concedeu D. João II :

que elles não fossem mettidos a tormentos por nenhuns maleficios que tivessem feito, commettido e commettessem e fizessem dahí por diante, salvo nos feitos e daquellas qualidades e nos modos em que o devem ser e são os fidalgos do reino e senhores ;

que não podessem ser presos por nenhum crime sómente sobre suas menagens e assim como o são e devem ser os ditos fidalgos ;

que podessem trazer e trouxessem por todos os seus reinos e senhorios quaes e quantas armas lhes aprouvesse de noite e de dia, assim offensivas como defensivas ;

que não pousassem com elles nem lhes tomassem suas casas de moradas, adegas, nem ca-

vallariças, nem suas bestas de sellas, nem outra nenhuma cousa de seu contra suas vontades e lhes catassem e guardassem muito inteiramente suas casas, e houvessem com ellas e fora dellas todas as liberdades que antigamente haviam os infanções e ricos homens ;

que os serviçaes agricolas só fossem á guerra com os patrões.

Abaixo do terceiro estado havia ainda os servos, escravos, etc., cujo direito unico cifrava-se em poderem, dadas circumstancias favoraveis, passar á classe immediatamente superior, pois, conquanto rentes as separações, as classes nunca se transformaram em castas.

Os tres braços do clero, da nobreza e do povo, convocados em occasiões solennes e a intervallos arbitrarios constituíam as Côrtes. Meramente consultivas ou por igual deliberativas? Liquidem entre si este ponto os eruditos de além-mar; fóra de duvida é que só valeram enquanto os reis consideraram reinar como um officio e precisaram de recursos pecuniarios.

A prosperidade e o povoamento do Brasil provaram fataes a esta veneravel instituição. Por uma coincidência nada fortuita, reuniram-se as ultimas Côrtes em 1697, quando o ouro das Geraes começava a deslumbrar o mundo, e só reviveram com a revolução franceza, as guerras napoleonicas e a independencia de facto do Brasil, trasladada para aqui a séde da monarchia portugueza.

Em 1527 a somma total dos fogos em todo o reino andava por duzentos e oitenta mil quinhentos e vinte e oito; dando a cada um destes o numero de quatro individuos, a população do reino seria naquelle anno de um milhão cento e vinte e dois mil cento e doze almas. Com este pessoal exiguo, que não bastava para encher-o, ia Portugal povoar um mundo. Como conseguil-o sem tomar "mulheres da terra por mancebas" ?

A agricultura estava atrasada. „Damião Góes, que conhecia os trabalhadores agricolas de Portugal, como proprietario que era em Alemquer, sua terra natal, explicando, em 1541, á opinião letrada da Europa a rasão dos atrasos da agricultura em Portugal e Hespanha, faz-lhe saber que a fertilidade espontanea do solo é tamanha que a maior parte do anno os escravos e os homens pobres se podem sustentar lautamente de fructos silvestres, mel e ervas, o que os faz pouco propensos a agricultura„. Não estava

esta gente disposta a atirar-se logo á mandioca e contentar-se com os mantimentos da terra? como lhes reproxava indignado João de Mello da Camara.

De todos estes elementos da vida segura e conversavel, já nos disse Pero Lopes quaes Martim Affonso implantou nas virgens plagas paulistas; deu terras em sesmarias, criou camaras, nomeou alcaides, tabelliães e juizes, com que cada um ficou senhor do seu, vestiu as injurias particulares, etc.

Fundadas as duas villas, Martim Affonso tomou o parecer das pessoas que para isso eram sobre o proceder mais ajustado á situação, e concordou-se tornarem os navios para o reino a vista do seu lastimoso estado, levando a gente do mar, para não ficarem percebendo soldo sem prestar serviços, e comendo os poucos mantimentos. O capitão-mór aguardaria a volta de Pero Lobo e Francisco de Chaves, com os quatrocentos escravos carregados de ouro.

Quarta-feira 22 de Maio, uma hora antes do sol se pôr, sahiu Pero Lopes do porto de São Vicente; a 24 pelo meio dia entrou na bahia de Ganabara. A espera do *Santa Maria das Candeias*, o preparativo de mantimentos para tres mezes tomaram todo o mez de Junho. Só a 2 de Julho partiu a armada, reduzida agora a dois navios: ogaleão *S. Vicente* e a náu tomada aos Francezes, para a qual Pero Lopes logo se passou. A 18 entravam na bahia de Todos os Santos. Durante doze dias de demora, calafetaram-se os altos dos navios, tomaram-se mantimentos, fizeram-se outras cousas necessarias; passada revista á gente propria para lutar em combates apurou-se que eram cincoenta e tres.

Proseguiram a 30 de Julho. As aguas corriam para o Norte; a 4 de Agosto estavam na ilha de S. Aleixo. "Demorava-me ao Norte, e como me cheguei a ella vi uma náu que estava surta entre ella e a terra: parecia ser muito grande, logo me descii da gavea, e mandei fazer prestes a artilheria e mandei fazer signal ao galeão que vinha por minha popa, e em chegando-se a mim lhe disse que puzesse a artilheria em ordem e se fizesse a gente prestes por que si a náu que estava na ilha surta fosse de França, havia de pelejar com ella."

Era effectivamente franceza a náu? Houve peleja? O diario interrompe-se aqui para só continuar tres mezes mais tarde: "Segunda-feira 4 do mez de Nouembro da era de 1532 parti

do porto de Pernambuco com o vento da terra". As outras informações que se estendem até sabbado 23, com as quaes termina a narrativa, nem uma referencia fazem aos successos. Fundado em documentos desconhecidos ainda, assegura Vanhagen que Pero Lopes tomou uma fortaleza ali estabelecida pelos Francezes e deixando-a guarnecida de gente sua ás ordens de um Paullos Nunes, fez-se de vela pora Portugal, levando consigo duas náus francezas que tomara, alguns indios e trinta e tantos prisioneiros.

Dois documentos, um dos quaes contemporaneo, narram o successo por modo tão differente que póde haver duvida si em Pernambuco praticou uma ou duas proezas o irmão de Martim Affonso.

Segundo o primeiro, Bertrand d'Ornesan, barão e senhor de Saint Blancard, armou em Marselha uma náu chamada *La Pelerine* com muitas peças, cento e vinte homens de armas, e mandou-a a resgatar em Pernambuco. Depois de tres mezes de viagem, approximadamente em fins de Fevereiro ou Março de 31, chegaram os nautas a seu destino, venceram em terra seis portuguezes que lhes resistiram ajudados pelos indios, fundaram uma fortaleza, que lhes custou quatro mil ducados, e entabolaram proveitoso commercio com o gentio. A náu, bem carregada de mercadorias, estimadas pelo dono em sessenta e dois mil e trezentos ducados, — cinco mil quintaes de páu brasil, trezentos quintaes de algodão, trinta de pimenta, seiscentos papagaios já fallando um pouco de francez, tres mil pelles de leopardos e outros animaes, trezentos macacos, oleos medicinaes e até minerio de ouro (et de mina auri quæ purificata ut decebat ter mille ducatos reddidisset)—fez-se de vela, e a viagem correu placidamente até Malaga, onde arribou por falta de mantimentos. Estava ali uma armada portugueza que recebeu muito bem os Francezes, deu-lhes os alimentos de que precisavam, sahiu em sua companhia do porto, sempre com as maiores demonstrações de carinho e amizade. Tudo aleive! A 15 de Agosto, os Portuguezes assaltaram *La Pelerine*, tomaram-lhe a carga, aprisionaram-lhe a gente, mandaram todos para Portugal, onde ficaram presos. El-rei, ao saber da noticia, armou tres náus para irem tomar em Pernambuco a fortaleza ali deixada, o que Pero Lopes conseguiu, (circa mensem decembris dicti anni millesimi quigentissimi primi), depois de bombardeada dezoito dias.

O outro documento, incorporado na *Historia* de frei Vicente do Salvador, concluída em 1627, é evidentemente contemporâneo, ou quasi contemporâneo, tantas as particularidades nelle contidas.

Tambem segundo frei Vicente, Pero Lopes de Sousa partiu directamente da Europa, e comquanto o chronista não declare o numero de navios, vê-se que deviam ser tres.

A' chegada, da ilha de Itamaracá partia uma nau franceza carregada para a França, contra a qual mandou uma caravella muito veleira (a caravella era um pensamento, assegura frei Vicente). Como a nau franceza estava sobrecarregada, posto que alojou muita parte da carga de páu brasil, enfim foi alcançada e querendo se por em defeza, lhe atiraram da nossa um pelouro de cadêa, que a colheu de proa a pôpa e a desexarceou de uma banda e lhe matou alguns homens, com o que se renderam os mais, que eram trinta e cinco entre grandes e pequenos, e a nau com oito peças de artilharia. Outras duas caravellas, commandadas por Alvaro Nunes de Andrada e Sebastião Gonçalves de Arvellos, tomaram uma nau que vinha de França com munições e resgates aos Francezes.

Rendida a fortaleza, grande parte da guarnição foi morta, por motivos em que o barão de Saint Blancard e a fonte de frei Vicente variam.

Em vez de combinar os documentos vistos por Varnhagen e ainda desconhecidos, o protesto de Bertrand d'Ornesan e o informante de frei Vicente deixemo-los com todas as discordancias aos investigadores futuros.

Em summa, interessa-nos sómente saber que a feitoria de principio fundada por Christovão Jaques ainda desta vez resurgiu das cinzas.

Esbatidos pela distancia e deformados pela retentiva, decennios mais tarde os successos narrados e os que vão sobrevir assim se espelham na alma de um indio pernambucano:

"Vi o estabelecimento dos Perós em Pernambuco e Potyú. ...No principio os Perós não faziam sinão resgatar, sem querer se habituar de outro modo. E neste tempo dormiam livremente com as filhas de nossos semelhantes de Pernambuco e Potyú, que o tinham por grande honra.

"Depois disseram que cumpria que se habituassem com elles, e precisavam fazer fortaleza para guardalos e construir cidades para morarem todos juntos, fazendo parecer que não desejavam ser sinão uma nação. Depois fizeram-lhes entender que não podiam tomar suas filhas desta sorte, que Deus lhes prohibia servir-se dellas a não ser por casamento, e que não deviam com ellas casar si não fossem baptisadas e para fazel-o era necessario ter Pays (Padres).

"Fizeram, pois, vir Pays, os quaes plantaram cruces, começaram a instruilos e depois a baptisalos. Persuadiram-lhes mais que não podiam passar sem escravos nem os Pays tão poucos para o serviço caseiro e trabalharem para elles, o que se foi obrigado a dar-lhes. E não contentes de escravos tomados na guerra, quizeram ainda ter seus filhos, e afinal cativaram a nação com tamanha tyrania e crueldade continuamente exercidas sobre nossos semelhantes, que a maior parte dos que restavam foram como nós obrigados a largar a terra."

Assim desafogava junto aos Francezes do Maranhão em 1612 o venerando "Momboré Ouasou aagé de plus de neuf vingts ans (1)".

(1) Claude d'Abbeville, *Histoire de la mission des Pères Capucins en l'isle de Maragnon*, 149 r. 150 v. Paris, 1614. Deste livro raro, e n'ca reimpresso, ha uma traducção de Cezar Augusto Marques. Maranhão, 1874.

Por extravios de originaes deixam de sahir as notas, que se referiam ao capitulo 50 da *Arte de furtar*, e diversos livros e titulos das *Ordenações Manuelinas*, ás obras de Gama Barros sobre *Administração publica em Portugal*, á de S. S. Costa Lobo sobre a *Historia da Sociedade em Portugal no seculo XV*, *Processo criminal br.* por João Mendes de A. J., ao *Orbe Seraphica Brasilica* de Jaboaão, parte inedita 784-786 Rio, 1862 etc.

SALTO SAN THIAGO DANTAS



Este rico salto do rio Iguassú, acha-se situado a cerca de sete kilometros ao sul dos Campos das Laranjeiras, no ponto de passagem da estrada de rodagem e linha telegraphica para a Colonia Militar, estabelecida em sua fóz e a um kilometro da fóz do rio Chagú. Mede aquelle rio, ao approximar-se do dito salto, 600 metros de largura e dividindo-se em dois braços, formando bellissima ilha, reúne suas volumosas aguas pouco além, despejando-se em formosas e riquissimas cataratas, de altura maxima de 80 metros approximadamente e continuando seu curso entre dois apertados paredões de uns 50 metros de altura, composto de formações basalticas, enfeitadas de formosas e variadas gramineas.

A commissão militar que se incumbe actualmente da construcção daquellas duas vias estrategicas de communicacão está procedendo aos estudos completos do referido salto, fixando sua posição geographica, methodo e volume de suas aguas e mais outros dados necessarios.

Capital Federal, 9 – Março – 1905.

* Capitão de Engenheiros FELIX FLEURY.



RIO IGUASSÚ



RIO IGUASSÚ

COMMENTÁRIOS

Inoculações compulsorias — Mauser e cow-pox

PARECE, a principio, fóra de tempo e geito — caldo requentado, como diz a linguagem do povo — vir fallar ainda de vacinação, lampeões apagados, espiritos accessos e cousas correlativas, agora que bons quatro mezes passaram sobre a famosa bernarda que tamanha perturbação trouxe á iluminação das ruas, aos habitos de vida dos novos colonisadores do Acre e ao animo de outros cidadãos menos bulhentos e mais assustadiços, a quem felizmente a turbulencia azougada de Novembro não impoz outra viagem rapida sinão a da noite celebre dos chapéus, irreverentemente estereoty-pada pela reportagem da *Tribuna*.

Parece que o assumpto perdeu de tom e de frescura; mas, acceito o principio de que o facto persiste emquanto os effeitos perduram, forçoso é reconhecer que o barulhento legado de 1904 conserva a vivacidade do momento, dado que permanecem as suas consequencias, representadas de *pleno jure* neste sitio que a medicina politica renovou sempre, até pouco, como um capacete de gelo em cabeça congestionada. Não é de mais, assim, fallar dessas cousas, mórmente agora que animos e paixões resfriaram; quando mais não seja, para exprimir o espanto que a mim, medico, causou essa forma nova de evolução de um virus que, por mais que dissessem delle cousas amedrontadoras, não parecia que viesse a causar tamanhos e tão extravagantes estragos.

Ninguem diria, em verdade, nem em tão pouco — recolhido ao recanto em que a doença me afastou, por mezes, da revista e do commentario dos homens e dos factos — que a fallada vacinação obrigatoria, que tanto trabalho trouxe ao aço das pennas dissidentes e das lancetas officiaes, produzisse empolas tão feias e reacção febril tão séria como produziu. Póde-se dizer que foi um caso em que a vacinação provocou a variola, e variola hemorrhagica, de mais a mais. Simplesmente, a inoculação compulsoria, de que tanto cabedal fizeram os guardas da saude publica, não se fez mais aqui com a *lympha primitiva*: o que andou nesses passados e aziagos dias de Novembro a entrar no corpo

do proximo contra a vontade do seu dono não foi sôro vaccinico, foi bala de espingarda; *Mauser* substituiu *cow-pox*.

Durante dias, que para muitos se assemelham a uma eternidade, o Rio esteve sob uma verdadeira borrasca: faiscas, estouros e escuridão. Temia-se a tarde ou a manhã immediata, como se receiava a volta da primeira esquina; ninguem via claro nestas horas. Não viam claro os miseros noctambulos, palmilhadores forçados de ruas povoadas de panico, de balas e de lampeões quebrados, onde a tactica da bernarda e a ferocidade dos ociosos haviam convertido em treva definitiva a escassa lamparina da *Societé Anonyme*; não viam claro os ardegos cidadãos, mais tementes á vaccina obrigatoria que á repressão facultativa, ambas officiaes, que se expuzeram, por amor de um protesto, de alma sincera e indignada, á inoculação, mais rapida e perigosa, dos projectis mantenedores da hygiene e da ordem; não viam claro os bravos rapazes da Escola, que chegaram a crêr que o sôro do illustre director de saude causaria a gangrena na Republica, como dizem que causou na africana da rua do Sabão, e puzeram o seu zelo e as suas armas ácima da disciplina e dos poderes publicos; não tinham a visão lucida, por effeito do gaz e da polvora tresmalhada no ar, os energicos esteios constitucionaes que aconselharam o Chefe do Estado a fazer a resistencia á arrancada dos alumnos militares do Rio, á sombra das arvores da Avenida Paulista; não a teve igualmente o arguto chefe da segurança policial, que, mezes depois, repostos homens e factos nos devidos termos, affirmava dogmaticamente, em documento solemne, que o intuito da *bernarda* era implantar a monarchia, — uma monarchia *sans peur et sans reproches* em que o sr. Lauro Sodré, de certo, seria, *par droit de naissance*, Principe do Grão Pará, em que os srs. Gomes de Castro e Alfredo Varella teriam indubitavelmente a investidura de Infantes e na qual o imperador reinante sahiria por sorte, á falta de outro recurso, d'entre os inevitaveis adherentes, como D. Sebastião de uma manhã de nevoeiro...

A escuridão perturbadora das vias publicas dilatou-se por todos os recessos do Rio de Janeiro. Atropellaram-se homens, chocaram-se armas, baralharam-se opiniões, confundiram-se boatos. Fallava-se de solidariedades militares, do mesmo modo que da artilheria e das minas do *Prata-Preta*. O pessoal da Saude atirava ao vento

a flammula de morim de *Porto-Arthur* e para combater essa flammula e esse pessoal moviam-se forças poderosas e poderosos couraçados zarpavam dos ancoradouros... Durante horas, durante dias, abalroaram-se, aturdidas, na mesma sombra idéas sem rumo e convicções desnorteadas, desde as que juravam na vaccina feita de sôro de rato até as que viam as pedras do caminho marcharem, em armas, na cauda da Escola Militar.

Não se sabia nada de certo. Sabia-se sómente que fôra um pouco de *cow-pox* na ponta de uma lanceta que provocara aquillo; que a innoculação arruinara a carnadura do povo e agora toda ella rebentava em acessos de febre e empolas sanguinosas.

Do resultado da vaccinação, do que se viu, leu e ouviu por esta cidade nesses dias famigerados, o que se pôde concluir, com a bôa doutrina, é que a *lympha* era de má qualidade e devido a ella é que se manifestou a septicemia politica que por um triz não leva a ordem constitucional pelo mesmo caminho da velha *Leocadia*, de adormecida memoria.

Felizmente a intervenção salvadora veio a tempo e a ordem constitucional recobrou a invejavel saude de que todos desejamos vel-a senhora sem falhas nem limitações. Variaram as versões sobre a natureza da intervenção: calculada e rigida energia, segundo uns, acaso mettediço e bemfazejo, conforme outros, milagre de certa veronica protectora, de accordo com illustre personagem; mas o facto essencial é que a cousa parou em caminho e pouco importa agora saber si o que estancou a irrupção do morbus revolucionario foram as providencias do governo, a má-sorte dos dictatoristas ou o amadrinhamento mirifico de N. S. da Conceição. O fóco de infecção circumscreveu-se, como se diz em tecnologia de hygiene; a calma voltou aos animos, á administração e á cidade, e nada adianta perturbar com a investigação de *porques* inopportunos o espirito dos que, já tendo a paz do corpo, aspiram naturalmente á beatitude da alma.

Poder-se-hia agora, quando muito, perquirir as consequencias do caso, indagar do resultado e fim de tudo isso. Mas ainda assim não é facil a tarefa, a não ser que inventariássemos summariamente como tal uns gastos e boléos dispensaveis, umas indemnisações ás companhias de gaz e de *bonds* e a forçada romaria de alguns christãos á bemaventurança, com escalas pelo Necroterio e regiões equivalentes. Estes, prin-

cipalmente, poderiam dizer qual o fim da estralada em que se viram mettidos, por vontade ou sem ella.

Fôra disso, de momento, como fim e resultado da *bernarda*, acha-se o sitio e o inquerito: o primeiro, que foi evidentemente um fim, mas que não conseguiu, entretanto, chegar a um resultado; o segundo, que foi, ao contrario, um resultado, mas que não poude absolutamente chegar a um fim.

Do sitio o que sabemos é que, pedido e decretado como arma de defesa politica, tornou-se em breve em simples providencia policial; ora como guarda das ruas, atirando para os longinquos seringaes amazonicos, não os ousados derrubadores da ordem constitucional, mas os infimos infractores da ordem publica; ora como monitora social, admoestando a jornalistas, que se occupavam malcriadamente da vida alheia, com a perspectiva convincente de uma praça de guerra, afeiçoada agora, ao que parece, ás clausuras abertas, em outros tempos, pelo patrio poder e pelo Intendente de Policia ás transgressões de costumes e ás irreverencias de lingua.

Em compensação, ou por isso mesmo, esses e outros jornalistas disseram, sem damno algum, de factos e pessoas de Governo cousas muito mais sérias do que essa que motivara a repressão policial; e a temerosa medida de excepção, á força de bonhomia paternal, acabou no *tempo-será* das sociedades carnavalescas, em cujos carros a abundancia de "rolhas," attestou justamente a ausencia de qualquer objecto desse genero nas intenções officiaes.

Ninguem se pôde queixar do sitio, a não ser os viajantes do *Itaipava*. Não houve nelle algo que lembrasse uma phase anormal, que evocasse a reminiscencia de sitios passados: em 1892 o marechal Floriano atirando, em 36 horas, sem preocupação de agentes subalternos, os chefes de *bernarda*, deputados e generaes, para as mesmas regiões para onde foram agora os desordeiros da Saude; em 1897 o dr. Prudente de Moraes desterrando igualmente militares e congressistas para Fernando de Noronha. Este não; foi um sitio de familia, uma "chacara," como diz o espirito de toda gente; não attentou contra as immunidades parlamentares, nem impediu o Carnaval. No fundo, parece ter tido uma razão de ser — o inquerito, que, por sua vez, justificava o sitio, prolongando-se ambos e distendendo-se mutuamente para reciproco amparo.

Do inquerito sabe-se apenas que durou muitos mezes e que ao cabo desse tempo não conseguiu fixar a participação do Sr. Vicente de Souza, como não conseguirá provavelmente fixar a de muitos outros, embora pudesse afirmar seriamente que era intenção do sr. Lauro Sodré restaurar o Imperio. A confusão da noite de 14, que era um prolongamento da confusão anterior de idéas e de factos, estendeu-se á devassa julgadora; e a repressão legal, que com difficuldade achara fôro e juizes para o caso, entrou já no periodo derivativo dos *habeas-corporum* e não tardará que entre na liquidação em grosso das annullações processuaes, conforme vaticinou o douto e entendido commentador da "Ordem do Dia", da *Noticia*, quando não venha a amnistia, que é a porta por onde sae, de preferencia, a Ordem Constitucional em taes casos, antes que os seus oppositores saiam pelas outras.

E' possivel mesmo que o illustre secretario do interior já tenha pensado no assumpto. O energico ministro, que teve ensejo, mais do que nunca, no poder, de verificar quanto são injustas e condemnaveis as revoltas, deve ter reflectido que a amnistia é uma tradição nacional; que todo revolucionario conta com ella na peor hypothese, como se conta com o mesmo dinheiro em um bilhete de loteria; que, devido ao seu uso systematico, cidadãos valorosos puderam prestar á Patria o esforço da arrependida dedicação; e que ao poder publico não cabe, de modo algum, o papel do marido que, perdoando a setima infidelidade da mulher, quizesse fazer de inflexivei na oitava... E a amnistia virá e tudo terá acabado bem, até mesmo para os que morreram, que foram mais depressa para o Paraizo.

Isto na ordem politica. Na ordem hygienica, a vaccina obrigatoria, nervosa e confundida, sumiu-se e o cidadão expurgo, desaprumado, *intra sitio*, pelo *habeas-corporum*, deixou de entrar pelas casas com o ar vidigalesco de outros tempos. Em compensação, a variola e a febre amarella retrahiram-se generosamente depois que viram os dois adversarios coagidos...

Tudo vai bem, pois. Eu confesso, entretanto, que para isso dispensava de boa vontade o começo — as discussões da camara, os regulamentos da hygiene, as atoardas das ruas. Não carecia de andar eu, que deixei o meu villarejo para vir ás festas da Republica, aos trancos e aos sustos; nem do governo pagar *bonds* e lampeões quebrados; nem de pobres diabos irem dar o corpo á malaria, para campo de ensaio provavel aos Marchoux do futuro; nem de bravos militares correrem este mundão de Brasil sob o regimen de transferencias trefegas e suspeições alvorotadas; nem dos alumnos da Praia Vermelha fazerem de japonezes, infelizmente — para elles — sem Oyama nem Nodgi... Dispensava-se bem.

No meio disto, o sr. Oswaldo Cruz faz-me lembrar uma roceirita que viajou commigo, pela primeira vez, na estrada de ferro. Avida de ver, levantou-se na primeira parada e metteu a cabeça bruscamente na janella, sem reparar que a vidraça, muito clara, estava levantada: o vidro estilhaçou-se, e a Monica, sentando-se, confusa, não se mexeu mais toda a viagem... O meu distincto confrade, mal comparando, quebrou o vidro e não deu mais signal de si...

Porque o facto é este. Póde se defender o eminente procer da litteratura medica, póde dizer que a vaccinação foi um pretexto da revolta, como ha quem diga que foi um recurso do governo: para o zé-povo que não lê artigos politicos nem relatorios policiaes — *bernarda*, pancadaria, sitio, desligamentos, Acre, tudo é vaccina obrigatoria. Isto perdurará. E muito de futuro ainda, as velhas de então, ao reviverem as proezas do seu tempo, desde as obras do porto até as arruaças, si alguém lhes evocar a figura do actual director de hygiene, responderão no dizer popular, sem perceber o trocadilho que salta do esconjuro: — "O quê! O Oswaldo?! Cruz!..."

Itaipú, Março de 1905.

SANCHO ALVES.



TERRA PROHIBIDA



fila e veio parar em frente de Maximo. O *groom* pulou da boléa ao chão para abrir a portinhóla. Maximo impediu-lh'o:

— Não. Eu vou andando. Siga-me a passo.

E começou a caminhar pela rua solitaria, acompanhado pelo seu carro que ha alguns metros de distancia rodava lentamente.

Para recompor a sua situação imprevista naquella noite toda de surpresas, preferira o ar livre á estreita caixa do *coupé*, pensara que o clarão das estrellas faria bem á sua vista ainda tomada de um offuscamento estonteante. Eram tres e meia da manhan. Andaria a pé uns vinte ou trinta minutos, rumo de casa. Mais dez ou quinze de carruagem bastariam para perfazer o caminho todo. Não tinha somno. Antes, estava de uma leveza singular.

Maximo principiou a recapitular a sua noite que intimamente considerava uma noite de gloria. Entrara nó baile ás onze horas e já a festa attingira o auge de esplendor. Logo vira que a noitada seria sem aborrecimento. De resto, eram sempre encantadoras as recepções naquella casa, onde se reuniam as mulheres mais formosas da sociedade e os homens notaveis nas artes, no jornalismo, na politica, os banqueiros mais em evidencia e os senhores, os jovens senhores ricos e indolentes de uma reconhecida incapacidade mental. Além disso, Mme. tinha o segredo de acrescentar á lista das celebri-dades que lhe davam lustre ás recepções a meia duzia das senhoras da alta roda cujas virtudes maior discussão houvessem soffrido nos trinta dias de intervallo entre uma festa e outra.

Feitos os cumprimentos a Madame e ao marido, Maximo deteve-se á porta da sala de dança e circumolou o olhar investigador, fazendo graciosos acenos de cabeça ás pessoas que ia reconhecendo. A valsa que nesse momento a orchestra começou a executar poz em campo dezenas de pares. Ao rodopelo da dança, logo reconheceu num gyro languido a figura de Syrte, cujos olhos de longe o fitaram, rapidos e medrosos. Maximo viu que os olhos de Syrte eram os que elle sempre conhecera, os mesmos olhos negros e macios, de um negror de peccado. E viu mais, disfarçando quanto podia a analyse, que Syrte estava suprema de belleza e graça, no vestido finissimo côr de perola, sem uma prega, sem uma ruga, que lhe desenhava escrupulosamente o corpo de linhas doces e ondulantes, e acima do busto se abria, deixando surgir o collo de um tom de perola mais fraco e o pescoço esguio e a pequena cabeça de um contorno hellenico oscillando ao rythmo da valsa como uma nobre flor ao vento.

Nesse instante um roçagar de sedas contra sedas fel-o voltar-se para traz. Era Mme. que chegara e se dirigia para a sala.

— Esperava por V. Ex. para começar o meu baile...

E como Mme. cedesse com um claro sorriso e um alegre olhar, Maximo tomou-a pelo braço e, depois de alguns segundos, os dois entraram no turbilhão.

CHEGANDO ao jardim, tendo deixado ainda cheios de ruido e brilho os vastos salões que abrigavam todas as maravilhas mundanas, Maximo parou, abotoou o rocló sobre o peitilho da camisa, accendeu um cigarro, lançou a primeira fumarada ao ar frio e fino da noite de Junho, sorriu com um sorriso de immensa satisfação e tornou a andar—tudo isso com um leve lumé de espanto nos seus olhos grandes e calmos.

Passou o portão, que o porteiro abriu, descobrindo-se respeitosamente. Achava-se em plena rua, onde se arrumavam em fila os carros dos convidados, negros e lustrosos. Um *coupé* destacou-se da

Pelo sexo, Madame era indiscreta sem ser leviana. Mais de uma vez pedira a Maximo que a considerasse como um amigo ou pelo menos um bom camarada. Era difficil ou impossivel tratando-se de uma mulher bonita ainda nos seus trinta annos viçosos. Isso mesmo lhe dissera Maximo. Ella agradeceu o cumprimento e não insistiu. Pouco a pouco, porém, provou-lhe que sabia alguma coisa da sua vida intima. Uma palavra maliciosa, ás vezes uma phrase onde cada vocabulo parecia fazer o papel de testemunha, insinuações meio directas, situações intelligentemente preparadas, tudo isso mostrava que ella conhecia os seus segredos e até os segredos da sua *garçonnière*. Nas indiscreções de Madame era visivel a necessidade de fazer d'ella um camarada, um bom camarada, no original.

Na ultima visita feita por Maximo áquella casa, havia quasi dois mezes, Madame conversára de Syrte, exigira uma confidencia completa. Elle contou um pouco de seu amor, quasi nada do tempo bom, e narrou com a maior precisão de detalhes o rompimento ainda recente. Quando a narrativa terminou, Madame lhe ganhára toda a confiança. De modo que não houve o menor constrangimento nesta phrase que foi cahir nos ouvidos de Maximo:

— Apezar de tudo, o meu amigo vae dizer que Syrte é a mais linda creatura da sala...

— Talvez o dissesse, se V. Ex. não estivesse aqui.

— Ahi vem com o seu máo costume de lisongear. Mas, ao menos, acha que está irresistivel...

— Tambem não. Faço toda a justiça dizendo que Syrte está formosa, digna emfim de ser acolhida em sua casa.

— O meu amigo já a cumprimentou, de certo.

— De certo, não. Ella ainda não me viu e por mim não tive tempo ainda. V. Ex. sabe que, mal cheguei, dei-me pressa em vir á sala, á dança, guiado pela minha boa estrella.

— E acha que d'esse modo evita os perigos?

— Tenho a certeza. Não crê a gente nos anjos impunemente...

Houve uma pausa no dialogo, pausa que Maximo com facilidade preencheu deixando a vista envolver o corpo todo da creatura que bailava pelo seu braço, sentindo em ondas embriagadoras o cheiro que se evolava d'aquella carne ainda moça. Em um momento, os olhos de ambos se encontraram, justamente quando Maximo se achava em mais absoluta contemplação. Ella estremeceu, percebendo o olhar abrazado de seu par. E o fim da valsa foi delirante.

— Já foi ver o jogo? perguntou ella depois de fazer uma volta pelo salão.

— Ainda não.

— Venha commigo.

Atravessaram o salão, passaram pela sala de orchestra e entraram em outro aposento da casa, amplo, confortavel, destinado aos velhos sem outra paixão que o azar das cartas e aos moços que a

Sorte já dominava. Pararam ambos á porta. Madame olhou rapidamente e disse afastando-se:

— Não está.

Maximo não comprehendeu a scena e perguntou:

— Poderei saber por quem V. Ex. procura?

— Procuo Syrte.

Foi com espanto que elle replicou:

— Mas tenho quasi a certeza que a deixamos no salão...

— Neste caso vamos lá.

O passo de Madame era pressuroso.

— Porque me leva a minha boa amiga para junto de Syrte?

Ella deteve-se. E foi entre risonha e sêria que respondeu:

— O meu amigo é que se dá ao incommodo de me levar até onde está Syrte.

— Ah!

Entraram na sala de orchestra. O salão ao lado, cessada a valsa, estava cheio do rumor dos que agora andavam e de um brando murmurar de vozes em surdina. De subito, a figura esbelta de Syrte surgiu á porta, face a face de ambos, e estacou insensivelmente. Maximo adeantou-se e a saudação que lhe dirigiu foi de uma serena polidez.

— Onde vaes, Syrte, com tanta pressa? inquiriu Madame.

— Aconteceu-me um pequeno desastre na saia. Vou ao *boudoir*.

E Madame para Maximo:

— O meu amigo vae acompanhar-te até lá...

— Sem incommodo...

— Nenhum, minha senhora.

Os dois partiram, em silencio, contrafeitos, enquanto Madame penetrava outra vez no salão.

A' porta do *boudoir* Syrte desprendeuse do braço d'elle, que se deteve á espera. Pouco tempo ali esteve, o bastante comtudo para rememorar o capitulo e evocar a maldade satanica da alma de Syrte. Com effeito, Syrte lhe fizera grande mal. E o que mais o impressionava nas suas perversas acções, de uma infinita perversidade, era a fórmula de inconsciencia de que se revestiam. Syrte o amára, seguramente muito o amára. Tinha d'isso provas deliciosas. Mais de uma vez lhe experimentára a sensibilidade para verificar até que ponto a tinha captiva. E a conclusão a que chegava era sempre a melhor: ella era de uma docilidade, de uma humildade que nunca encontrara em outra mulher. E a audacia de Syrte naquelle amor que devera viver á sombra fazia-o pasmar e algumas vezes tremer. E fôra essa mesma audacia que a perdera, quando abertamente concedeu a côrte a outro homem diante de Maximo e do marido, pontando-se como uma perfeita inconsciente. Durante tres dias elle a odiou, ou antes, deixou-se invadir por um profundo sentimento de desprezo. No quarto dia Syrte lhe appareceu inopinadamente em casa, ás duas horas da tarde de um lindo dia de Primavera, de-

pois de em vão ter esperado resposta ás suas cartas afflictas e eivadaas de perguntas de toda a sorte. Maximo estivera a principio de uma brutal simplicidade. Como não houvesse humilhação que a fizesse demover do intento de se reconciliar, após longos vinte minutos de rogos e imprecações, foi Maximo quem deliberou sahir, cheio de raiva e de aborrecimento, deixando-a em seu gabinete, aos pés do soberbo grupo do *Triumpho de Aphrodite*, em marmore, onde se vê a deusa victoriosa, no seu carro tirado por quatro cavallos fogosos e de azas abertas deslocando o ar.

Pela madrugada voltou. Havia de Syrte um vestigio: uma carta febrilmente escripta, começando por um montão de injurias, descendo gradativamente até o mais pungitivo lamento. Maximo sor-



riu com piedade e guardou a carta com cautela. Deitou-se pouco depois e adormeceu com a tranquillidade de um justo. Quando no dia seguinte acordou, tinha a certeza de que Syrte o odiava de morte. E com isso se alegrou. Nunca mais a vira desde então, até aquelle baile, aquelle momento em que a encontrara fugindo da sala caminho do *boudoir*, a remediar o desastre.

E nisso ella appareceu, refeita a *toilette*. Tomou-lhe o braço, um pouco esquerda, ainda. Elle disse:

— Quer jogar uma partida de bilhar?

Syrte acceitou. A sala de bilhar estava inteiramente vasia. Ao penetrarem, mal o reposteiro cahira sobre ambos, de um gesto Maximo tomou-lhe a cabeça formosa nas mãos e collou os labios nos seus labios que de repente embranqueceram.

E houve de bocca a bocca um sorvo longo, que parecia não ter fim, onde todas as volupias se encontraram reunidas, numa condensação de fremitos e palpitações de carne, num deliquio de almas em surtos longinquos e mysteriosos, e houve de bocca a bocca um beijo farto, sustadas as respirações em um minuto interminavel, como se ambos renunciassem á Vida e ali ficassem hirtos, ligados um ao outro, fundamente ligados num enlace eterno, na apotheose radiante do Amor e da Belleza...

A um rumor proximo de passos ambos se repelliram assustados. Deram-se o braço, deixando a sala. Madame vinha para elles, com alegria e pressa:

— Jogaram bilhar?

— Iamos jogar, disse Maximo, escondendo a emoção. Mas a sala está quente e preferimos dançar esta valsa. Si V. Ex. permite...

— Não percam tempo, vão.

E a valsa foi encantadora. Quinze minutos depois, Maximo sentava-se a uma meza de *pocker*, de onde se ergueu ás duas horas para a ceia, tendo ganho alguns centos de mil réis. Não teve á meza (e com isso deu graças a Deus) visinhança incommoda ou indiscreta. Madame sentara-se longe, ao lado de um inglez, um claro rapaz londrino, que tinha a vantagem de saber jogar o *tennis*. Quanto a Syrte, ficara ao pé do marido.

Um charuto fumado em companhia de homens que fallaram de politica, a um canto da sala de jogo, com mais ou menos monotonia, findára a sua noite. Achava-se agora ali na rua, seguindo a pé para casa, ao clarão das estrellas. Nos seus olhos grandes e claros persistia o mesmo lume de espanto.

E' que, recapitulando tudo, não encontrara uma explicação para o incidente. De certo não amava Syrte. Seria uma imprudencia e uma tolice. E ella? A resposta foi cathgorica. Sim, era evidente. Mas como não haver naquella alma o menor movimento de recusa para a caricia de um homem que com bruteza e crueldade a tratara? Porque humilhar-se d'esse modo, se lhe não faltavam corações inflammados de amor, tocados pela sua magia?

Elle ainda a dominava e sentia que em qualquer momento da vida aquella creatura seria sua e o amaria com exuberancia e paixão.

Maximo considerou facil e de bom sabor esse conceito. Mas elle? Porque aquella brusca mudança no seu procedimento? Não fôra uma experiencia. Não teria tido coragem para tentá-la, na certeza da repulsa. Um subito accesso de affeição? Também não, isso jurava. Então, então fôra a saudade de um recanto da Terra que se amou, de um logar em que se viveu um dia feliz, aonde se aporou com todas as esperanças e de onde se sahi fatigado depois de vistos todos os segredos, quebrado o encanto que de longe nos acenava. Mas os dias passaram. A' medida que passavam os dias, o encanto retomava o seu antigo prestigio. As ten-

tações estavam lá, chamando e attrahindo, irremediavelmente attrahindo. Fôra a saudade que lhe arrastara os labios soffregos para aquelles labios, para aquella bocca. E agora, vista de novo a Terra Prohibida, a indiferença retomava o seu logar. A saudade, fôra apenas a saudade...

Maximo parou. O *coupé*, que de manso rolava, correu um pouco, a seu encontro. O *groom* desceu, abriu a portinha que logo em seguida se fechou, com estrepito. Uma chicotada estalou, fustigando os animaes. Com um arranco o carro partiu pelo frio da manhan de inverno, ao clarão das estrellas desmaiadas.

Rio, 1905.

OSCAR LOPES.

ANTE UM CADAVER

Porque um dia, afinal, a Vida não resiste
A' Morte, Corpo Humano, aqui estás rijo e inerte.
Assim hirto, assim frio, assim morto, de ver-te
Interroga a razão e o Insondavel persiste.

Porque nasceste então? Porque os olhos abriste
A' Terra em luz, que em fructo as sementes converte,
Si — após mostrar-te ao sol — ella, para esconder-te,
Abre o seio atro e nú, onde o mysterio existe?

Porque, Corpo! á junção de dois entes, outr'ora,
Sem culpa, sem pedir, foste gerado, e ao mundo,
Em breve, sob a dôr de um dos entes, lançado?

Porque vieste, afinal? Porque te vais agora?
E onde vais? Que é que vês no olhar parado e fundo?
Que é que levas, emfim? Que buscas, desgraçado?

Junho — 904.

Sobre a Terra o teu ser foi crescendo, affagado
Pela mão meiga e sã do ser materno. E, em breve,
Sob a honesta injunção dos exemplos, conteve
Teu seio todo o Bem. O cerebro educado,

Expandiu-se ao labor do estudo meditado.
Homem foste, afinal: amaste! A fórmula leve
De um corpo de mulher, feito de rosa e neve,
Repousou junto a ti, no leito de noivado.

E agora... Olho-te bem a feição calma e séria...
E's nada! Onde é que está tua essencia, Materia
Que ainda tens uma fórmula e ainda tens uma côr?...

Morto — aos olhos de um vivo, és a Summa Ironia!
Corpo inerte, porque mostras a bocca fria
Em que outr'ora explodiu tanto beijo de amôr?...

DALTRO SANTOS.



Pelo Mundo

A REVOLUÇÃO RUSSA

É loucura, para os homens, como para os Estados, fugir ao imperio das ideias triumphantes. A forma egualitaria, producto dum choque natural da razão contra o absurdo, é uma conquista tão poderosa que pôde ser falseada mas nunca supprimida.

O movimento de emancipação occidental que destruiu os suppostos privilegios oriundos da mentira theologica, proclamou os direitos do homem e definiu os deveres das sociedades politicas, não podia ficar circumscripto a esta ou aquella nacionalidade.

Os povos não differem uns dos outros sinão pelo seu maior ou menor grão de cultura, e embora stagnados na ignorancia e no despotismo não deixam de ser sensiveis á desigualdade e á injustiça. Si esta consegue operar com a liberdade do monstro dentro dum subterraneo, tendo por cumplice a escuridão, pôde talvez adiar os assomos da vindicta e da rebeldia, mas nunca, certamente, evital-os.

Não estava nessas condições a autocracia moscovita.

Os seus crimes de lesa-humanidade tinham por testemunha implacavel a propria civilização occidental: dous mundos devassando os horrores dum calabouço.

A luz que delles irradiava, denunciando a profunda miseria do povo russo, tornou-se a verdadeira inspiradora do movimento que abala neste instante as suas iniquas instituições politicas.

Já será talvez tarde de mais para conter a avalanche. E' a historia que se repete.

Para despertar a nação russa, escravizada á lethargia brutal do Czarismo, só havia isto: o sopro da revolução, denunciada durante longos annos pela propria conducta dos ultimos imperadores.

Alexandre II, o unico que havia comprehendido a necessidade de reconhecer desde logo no homem alguns dos direitos que lhe são inherentes, não teve a necessaria firmeza de character para levar por diante a sua obra timidamente iniciada.

Os seus recuos e hesitações provocaram os odios do chamado elemento nihilista, sem duvida mal inspirado, disposto a obter pela violencia aquillo que, existindo como verdade no espirito de meia duzia, repugnava ainda á maioria, como um verda-

deiro sacrilegio. E Alexandre cahiu, victima da dynamite revolucionaria de Jeliabov, que julgando destruir uma instituição não conseguia sinão abater um homem.

Nessa época o elemento revolucionario era exclusivamente recrutado entre os intellectuaes, estudantes e funcionarios subalternos, não se estendia até ao povo, até á massa anonyma que ainda jazia no mais completo obscurantismo. A Russia era então um paiz quasi puramente agricola, sem industria de especie alguma, e com um commercio atrasadissimo.

Alexandre III, que succedera ao imperador victimado pelo nihilismo, era ainda mais cego do que o seu antecessor. Julgando que as pequenas reformas timidamente iniciadas por este, viriam perverter a maioria da população, despertando-lhe o espirito de rebeldia, tratou com especial cuidado de nullificar-as de todo, terminando pela demissão do ministro Loris Melikov, politico de vistas largas, partidario de reformas liberaes compatíveis com o seu tempo, e sobretudo amigo extremado da sua patria.

Para dar ideia da acção desse homem no governo basta dizer que elle, a despeito do aulicismo palaciano, havia conseguido convencer ao imperador Alexandre II da necessidade absoluta de dotar a Russia duma Constituição, elaborando elle mesmo o respectivo projecto, no qual eram sufficientemente attendidos os principaes interesses do povo.

Deixando elle o poder, tudo voltou ao estado primitivo, com uma—diferença, que as classes populares perderam por completo o pouco que haviam conquistado no terreno do liberalismo, retrahindo como era natural as suas sympathias pelo throno.

Durante o reinado de Alexandre III a politica seguida em toda a extensão do grande imperio moscovita foi exclusivamente russo-nacionalista e autocratica. Um dos primeiros cuidados do governo foi a russificação completa, si assim nos podemos exprimir, das povoações estabelecidas nas fronteiras, compostas principalmente de raças differentes da slava,—allemaes, polacos, lithuanios e outros.

Procurou-se dar á religião do Estado o character de instituição absoluta, especie de viatico indispensavel tanto na vida espirital como na temporal: factor unico da vida nacional, mas tambem o alicerce mais resistente da autocracia.

Reduziram-se, seria talvez melhor dizer—annularam-se, os direitos anteriormente outorgados aos *ziemtvos*, ou governos locaes, subordinando-os ao ministerio do interior.

Destruiu-se, substituindo-a por uma especie de justiça inquisitorial, a unica obra realmente liberal, que resumia e attestava a época das reformas, a organização judiciaria, e como consequencia desse acto de inqualificavel retrogradação, sustou-se nos seus effeitos a legislação especial visando a condição dos servos camponezes, libertados com restricções em 1861, e que deviam com o correr dos tempos, e conforme os planos de Alexandre II, ser juridica e socialmente equiparados aos demais cidadãos do Imperio.

Desse modo, o governo de Alexandre III, em vez de continuar a obra justa e patriótica do seu antecessor, que parecia conduzir á confraternisação de todas as classes, pois tal era o objecto do acto imperial de 19 de Fevereiro de 1861, que dera nova condição ao servo, esforçou-se por isolar os camponeses do resto da nação, especializando mesmo as leis que os deviam reger, leis que não visavam senão afastal-os cada vez mais da communhão patricia. Perseverando nessa orientação, o governo agia como si não existissem na Russia senão duas classes, a dos *mujiks* (camponeses) e a dos *techinovniks* (funcionarios publicos).

Era essa a situação real do imperio russo durante os primeiros annos do reinado de Alexandre III, que por outro lado—faça-se-lhe justiça aqui—não descurou interesses de outra ordem, promovendo a construcção de estradas de ferro, creando e desenvolvendo industrias productivas, elementos indispensaveis á expansão commercial.

Essa transformação economica do paiz, trazia, como era natural, novos elementos de civilisação, communicações mais ou menos repetidas com o estrangeiro, comprehensão de certas necessidades até então ignoradas, visão mais ou menos clara de direitos e regalias de que não se dispensam nem os povos confinados no isolamento. Entretanto as leis e as condições moraes do paiz continuavam a ser absolutamente as mesmas.

Ascendera ao throno o actual imperador, proclamado no estrangeiro amigo da paz, dando á sua politica externa um character de cordialidade até então nunca observado nas relações da Russia com as outras potencias.

Cercado dessa aureola, era justo e natural que ao descer os degraus do *Kremlin*, onde subira para receber a corôa dos seus antepassados, o novo Czar viesse sondar as necessidades dos seus subditos, as suas profundas miserias, não para conhecê-las sómente, mas para remedial-as, transformando o velho systema de governo, que isolava systematicamente o soberano do povo, em instituições, sinão de todo conformes á corrente de ideas e sentimentos dominantes, pelo menos mais compatíveis com o espirito da epoca.

Nada disso fez Nicolau II. Deixou-se ficar encerrado no seu castello, jungido á theocracia secular que faz do rei um Deus, mysterioso e intangivel, e do povo uma multidão de escravos e de illotas.

Ha dez annos que dura esse reinado. Que fez elle durante esse tempo em favor do movimento liberal que se accentua dia a dia no seio das povoações russas reclamando, em altos brados, os seus direitos?

Menos que Luiz XV na França.

Para accordal-o do seu lethargo foi preciso o rumor dos canhões japonezes, ouvido com mais receio no seu palacio do que nas choupanas dos camponeses escravizados. A guerra vinda do exterior provocava a rebeldia no interior.

Que ha nisso de extranhavel?

Não ha revolução injusta quando se trata de remover iniquidades.

O povo russo, fazendo vacuo em torno da dynastia reinante, no momento em que esta se choca contra uma força igual, não pratica um acto de impatriotismo, defende-se contra um inimigo, contra o peor dos dominadores, aquelle que lhe explora o trabalho negando-lhe o direito de agir como homem.

Quem póde ter noção de patria, sentimento de nacionalidade, quando se vê na miseria, explorado, sem justiça e sem liberdade, e ainda ameaçado do gesto horrendo do carrasco, si ousa murmurar que é desgraçado?

Esta é a situação do povo russo em face do Czarismo. Que elle tente se oppor á onda que o ameaça! Já não são agora sómente os nihilistas que se vingam da injustiça das instituições, abatendo os homens a quem ellas aproveitam; é o povo que se levanta para exigir os seus direitos postergados.

Que foram as revoluções na Inglaterra e na França sinão o choque natural da miseria contra a oppressão, dos explorados contra os exploradores, do direito contra a prepotencia, do homem, emfim, contra a ficção da realza theocratica?

E quaes foram os effeitos desses grandes movimentos de reivindicação, sinão o caminho aberto ao progresso desses povos e á rehabilitação da humanidade?

E' dessa ordem o movimento revolucionario que se prepara na Russia.

Elle será o primeiro clarão imprescindivel de uma nova éra para a grande nacionalidade slava, cuja influencia no continente europeu foi completamente nulla sob a fórma da autocracia, como é sempre nulla a acção do escravo confrontada com a acção do homem.

Sob o novo regimen que se prepara agora no cadinho da revolução, vae começar o seu papel de grande factor de uma nova civilisação.

O Czar póde affirmar que está forte, escoltado pelos seus cossacos; mas a verdade, a grande verdade que se impõe a todos os olhos é que a revolução é um facto, prestes a explodir.

Neste momento já a provincia russa da Georgia cuida constituir-se em Estado independente. O movimento separatista vae se estendendo até a Armenia, de onde passará com a rapidez de um incendio a outras provincias igualmente desejosas de sacudir para sempre o regimen de ferro da autocracia.

Na capital do imperio e nas provincias mais proximas agita-se o turbilhão das reivindicações operarias, dos reclamos do povo, virtual e positivamente separado do throno.

Quem poderá conter a explosão? Que a estrella do povo russo, tanto tempo desmaiada e perdida na sombria noite do Czarismo, possa illuminar os seus destinos, poupando-lhe o eclipse do Terror que precedeu os primeiros albores da democracia na França! Mas isso não passará talvez de um voto, o de todos os espiritos contrarios a violencias inuteis.

A Russia do seculo XX reviverá sem duvida a França de oitenta e nove. A historia se repete, os povos obedecem aos mesmos destinos.

MESTRE VALENTIM

DAS incontinecias cupidineas de um fidalgo portuguez, contractador de diamantes, e do impulso sexual d'uma *creoula* patricia, nascida nos serros das Minas Geraes, veiu esse que se chamou Valentim da Fonseca e Silva. E' o que dizem seus biographos, os pesquisadores barão de



PASSEIO PUBLICO — PORTÃO

Sant'Angelo (Manoel de Araujo Porto-Alegre) e dr. Moreira de Azevedo. E ambos confessam não saber do anno e data natalicios do insigne toreutico, apesar do interesse com que manusearam archivos de templos e prestaram ouvidos á tradição oral de remanescentes.

O ultimo, porem, dos referidos historiographos, conseguiu encontrar a informação do seu obito, que foi em 1 de Março de 1813, segundo a relação dos

corpos recebidos nas catacumbas da egreja da Senhora do Rosario.

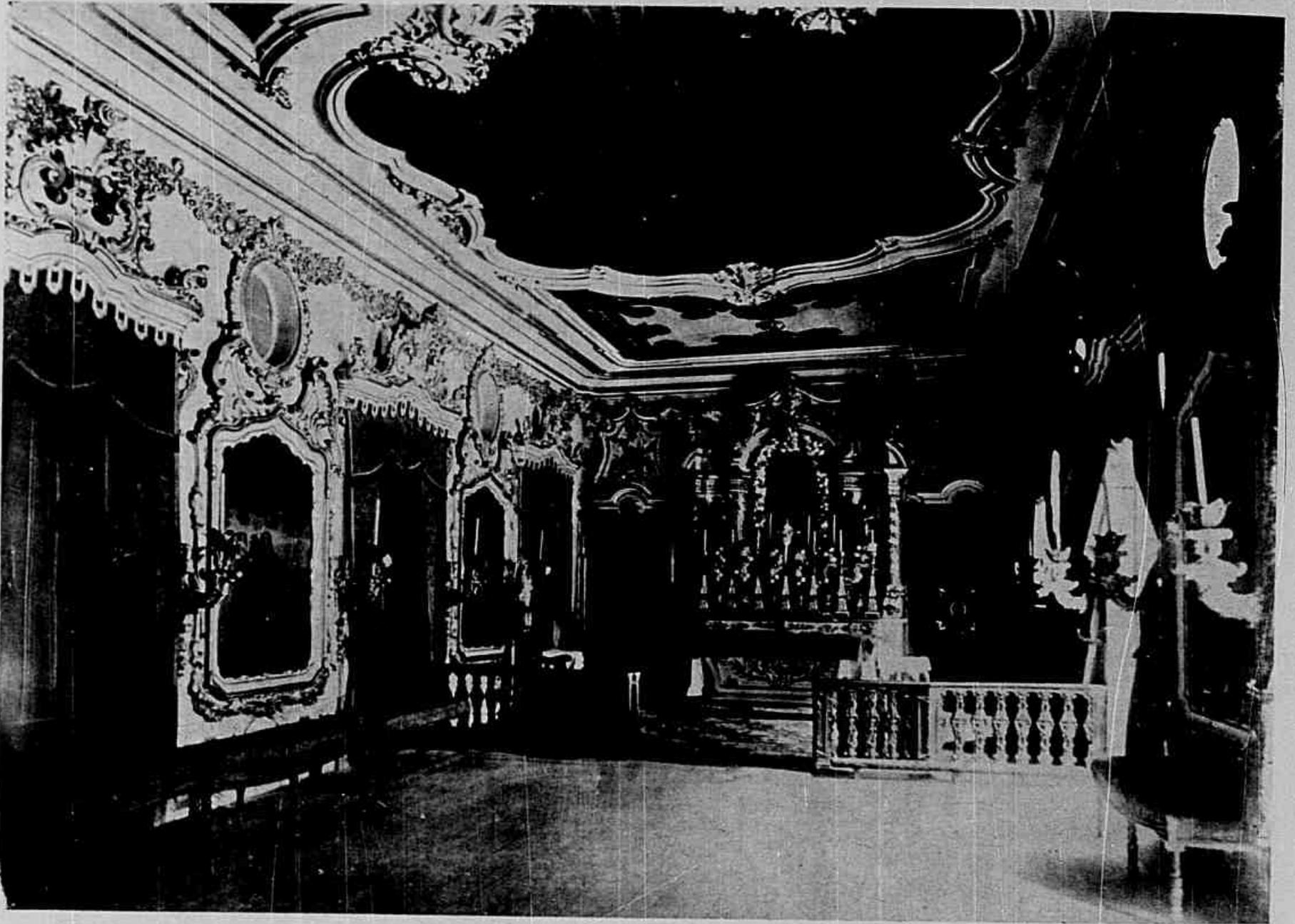
Asseveram, tambem, aquelles biographos, que o ardente contractador de diamantes puzera seus affetos no filho da manceba negra, e com ambos se embarcára para o reino, onde o pequeno mestiço recebeu com as pueris a aprendizagem da sua arte 'té a prematura morte do pae, e o Sr. Porto Alegre conclue de caracteristicos prosodicos do seu falar que o educaram em região distante dos defluyos do Tejo, o que parece merecer fé diante das razões avocadas, porquanto Valentim usava trocar o b por v e tinha a vocalisação cantada dos serranos, como notava seu discipulo Simeão de Nazareth que, ainda existindo em 1856, informára ao prestante escriptor da vida e obras do mestre.

O dr. Moreira de Azevedo, sem entrar na minucia das causas, confirma essa supposição, e adianta interessante delineamento typico do artista, retido no painel da reconstrucção do Recolhimento do Parto (1), pintado por Leandro Joaquim que, tambem alli, deixou um auto-retrato. Era, como lá está, um homem d'estatura meã, grosso d'espaldas e farto de abdomen, o rosto largo, de um carregado óca de *mulato*; a peruca sobrepuja-lhe a cabeça e o dorso se lhe incha, sob a casaca cõr de pinhão, n'uma curvatura ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, seu amigo, a quem entrega a planta da reedificação do recolhimento devastado por um incendio.

Este facto transformou-o, no discretear das tradições, em architecto. Houve tempo em que se lhe attribuíram o plano da Cruz dos Militares e da Candelaria, ao que o Sr. Porto Alegre contestou, esclarecendo que a Cruz, esse reduzido exemplar do barrôco severo, é obra do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria e o risco da Candelaria foi dado por um canteiro de nome Marcellino, que ouviu a Valentim sem lhe seguir obediente os conselhos. Collaborou tambem nesse erro o projecto que elle, incumbido por Luiz de Vasconcellos, apresentou para o Passeio Publico. Este sim, foi d'elle em tudo; mas, de toda a obra em que se expandiu seu sentimento de artista, muito pouco resta em nossos dias, capaz de recomendar seu nome.

Esse pouco está representado pelo bello portão, que por duas vezes foi modifi-

(1) Esses paineis, assim como um retrato do vice-rei Luiz de Vasconcellos, do mesmo pintor, desappareceram de sob o côro da egreja de N. S. da Ajuda, onde os vi em 1888 e alli se conservaram por mais tempo. De uma certa vez esses paineis e retrato foram levados a leilão entre objectos de arte, a respeito dos quaes o sr. Arthur Azevedo fez referências em um dos seus artigos n'*O Paiz*; depois disso, e por não terem obtido comprador sem duvida, voltaram ac seu antigo logar, como verifiquei. Mas, ultimamente, após a pintura que a egreja passou ha dois ou tres annos, foram collocados n'um corredor entre a capella-mór e a sacristia da referida egreja.



EGREJA DE S. FRANCISCO DE PAULA — CAPELLA DO NOVICIADO

cado no seu tópe (2), o celebre grupo dos jacarés e a linda bacia em que elles lançam o fio moroso d'agua escorrida por suas fauces. Ainda este soffreu modificação. Pelo projecto que Valentim apresentou existia sobre o outeiro, em cuja base se acolhem os amphibios ferozes, um coqueiro e, disseminados pelos pedregulhos da fonte, pequenas aves de bronze. No principio do governo do Conde de Arcos (1806) esse coqueiro foi substituido pelo busto de Diana, em marmore, e os passaros desapareceram (3).

Tenho para mim que o portico do *Passeio* tambem seja do projecto de Valentim, porque, d'algum modo, lembra a linha semi-circular da *fonte das marrecas*, outr'ora existente no fim da rua desse nome. E a isso sou levado pela harmonia que resalta do encaixe dos caprichados batentes no elegante

(2) A primeira vez na época da maioridade. Retiraram as armas do vice-rei substituindo-as pelas do imperio. Mas no governo da maioridade—diz-nos Porto Alegre—julgou se, pelas razões que dei em um artigo de *Jornal*, que se deviam restaurar as antigas. (*Rev. do Inst. Hist.*—1856.) A segunda vez foi no actual regimen, em que aquellas armas cederam lugar ás da Municipalidade.

(3) O menino que, no terraço, tem a celebre legenda *Sou util inda brincando* não é o mesmo que Valentim fundio.

portico exedralar, que não accusa época posterior á delicada feitura do portão, nem se desvia da sua completação por traço flagrante.

O seu conjuncto vivamente impressiona pela harmonia, embora o chanfrado dos muros não seja commum em obras d'aquelle tempo; as pilastras de granito, porem, com seus capitéis jonicos, de marmore, recordam o feitio exterior da Cruz dos Militares com incidencia das mesmas proporções, e os remates coroados de vasos de marmore, tão graciosamente desenhados, d'um cinzelamento que não destôa de obras tracejadas ou esculpidas pela mão do mestre, fazem suppôr que vieram da sua ardente fantasia, a que recorriam ourives e lavrantes, constructores e engenheiros. (4)

Ademais, se o chafariz do antigo largo do Paço, que veiu até nossos dias deslocado do seu primitivo logar, é apontado como obra de Valentim e disso se faz indicação, porque se lhe não attribuir o projecto desse bellissimo portico, onde fica admi-

(4) Foi Valentim quem primeiro, no Brasil, empregou o esmalte ao metal, em um dos modelos dos apparatus de porcelana, feitos com o caolim da ilha do Governador, a pedido de João Manso, denominado o *chímico*.

ravelmente pôsto o portão fundido sob o capricho do seu desenho?

Attribuem-se-lhe tambem os medalhões de duas portas da igreja do Carmo, a central da fachada e a lateral direita que enfrenta com o becco dos Barbeiros. Mas, é de admirar que o Sr. Porto Alegre, tendo escripto, movido de admiração — «impossível será que o cinzel do esculptor possa talliar o marmore com maior morbidez e graça...» (*Ostensor Brasileiro 1845-46*) dez ou onze annos depois, ao se occupar especialmente de Valentim e suas obras (*Revista do Instituto Historico*, 1856), não as ennumerasse entre os trabalhos do grande artista mineiro. O proprio dr. Moreira de Azevedo nada adianta a este respeito, e sobre a parte que mestre Valentim tomou nas obras d'aquelle templo, apenas nos informa que, em 1780, collocou-se no altar-mór o Crucificado, passando para a bocca do throno a Senhora do Carmo; substituíram-se as columnas direitas por outras colcheadas, fez-se o nicho para a Virgem do Carmo, incumbindo-se destas obras Valentim da Fonseca e Silva». Isso na segunda edição d'*O Rio de Janeiro e seus monumentos* (1877), em que apparece pela primeira vez a declaração do obito do artista.

E' de lastimar, devemos confessal-o, que se não tenha apurado a verdade sobre a autoria desses dous soberbos medalhões. A supposição, porém, não cede á falta. Se ainda existissem as estatuas que ornavam o Passeio Publico, cinzeladas por Valentim, se as duas outras, d'estanho, que pertenceram á *fonte das marrecas* (5) não fossem, por seu character ornamental e aligerado, insufficientes para uma comprovação decorrente de minucioso confronto, poder-se-ia chegar a um resultado tranquillizador, reconhecendo n'aquella suavidade d'escapello, n'aquella certeza e graça de cinzel, a mão delicada do grande entalhador barrôco. O quanto de esculptura temos positivamente delle, que está representado nas duas estatuas da frontaria da Cruz dos Militares (6), em os nichos que ladeiam a vasta janella do côro, occupa lugar de demasiada altura para este estudo, sobre a probabilidade de serem estatuas trabalhadas para uma collocação a que a vista não apprehenda detalhes, embora, como conjuncto, se inculquem bem desenhadas e tenham largueza e flexibilidade de pannejamentos.

Não obstante, se esta desejada confirmação não vem augmentar a gloria de Valentim, tambem não a deslustra nem apouca, porque, para o elevar á conta de um grande artista, temos a sua obra de talha, todo esse sumptuoso poema barrôco que se eternisa na Capella do Noviciado da igreja de São

Francisco de Paula, no tecto e paredes da Cruz dos Militares, e que seria d'uma offuscante belleza se o ouro o recamasse como exigia o estylo em que foi concebido e executado.

E' ahi, é nesse conjuncto de improvisos e usanças, nessa lavrada, symbolica escriptura da imagem, que iremos surprehender mestre Valentim com sua alma, travar intimidade com o escandecido bastardo atravez da sua psychose em que se agitam aspirações mysticas com que a educação beata do alquebrado Portugal septecentecista o encharcou e o fetichismo africano da corrente materna desenvolveu. E' nesse genero d'esculptura que o encontramos n'uma evidencia a coberto de duvidas, quer seja escarafunchando o cedro para os recortes decorativos, quer seja preparando os moldes dos alampadarios de prata que, á larga, espalhou por igrejas e capellas. A toreutica, sobretudo, era sua predilecta, e como aprendeu-a no reino que D. João V remodelára sob a inspiração jesuitica, foi o barrôco aportuguezado que lhe ficou determinando a melhor expressão de arte. Não se lhe contestará o acerto da escolha, porque esse lindo, desenvolvido e fecundo estylo emergiu d'alma do Buonarotti e se arrebatou n'um delirio pela imaginativa de Barromini.

E mestre Valentim o conduz maravilhosamente sob o aceiro de seus ferros d'entalhe, vive, palpita com os seus ardores de mestiço no desdóbramento voluptuoso de suas curvas, ora macias e singelas, n'um tecido breve de teáres rusticos; ora em fartas, ascendentes pastas que terminam no debruço incipiente d'uma onda toda ancianté de sensualidade... A sua fantasia não se detém, vae creando a trama fixa das linhas, desenvolve-a em sinuosidades succedaneas, distende-a em quebrados rapidos de angulos interiores de moldura, a que corresponde, no opposto exterior, o encurvamento flexivel, o requebro amôrnado d'outras linhas... e desse tramar febril, mas febre que não precipita, apenas estremece, sáem esboços caramujentos de misulas, esbeçados de petalas que se transmudam em delinêos de folhagens, decalques frustes de conchas que parecem languores paralyzados, tumencias levemente indicadas de pomas, essa espreguiçada lascivia que perpassa em toda a obra humana, 'inda que mystica e grave, sob o esvair d'um tempo em que a Renascença mergulhava no phosphorecente occaso dos desvarios, e o donaire das *mulheres galantes* substituia o pendão dos cavalleiros pela renda dos lenços, onde ficavam a alvura dos sorrisos e o perfume de suas epidermes...

Revela-nos o dr. Moreira de Azevedo que mestre Valentim era dado ao galanteio e ás saias, e nenhum estylo, a não ser esse mesmo barrôco do qual o requinte de um brilhante seculo tirou o fementino *rocóco*, poderia, tão facilmente, se prestar á expressão dos desejos e do goso d'uma imaginação estugada pelo pruido do sensualismo!

Ainda que esculpido nos muros, altares e abobada dessa Cruz dos Militares, onde a estreiteza classica impunha parcimonia, algumas vezes tal de-

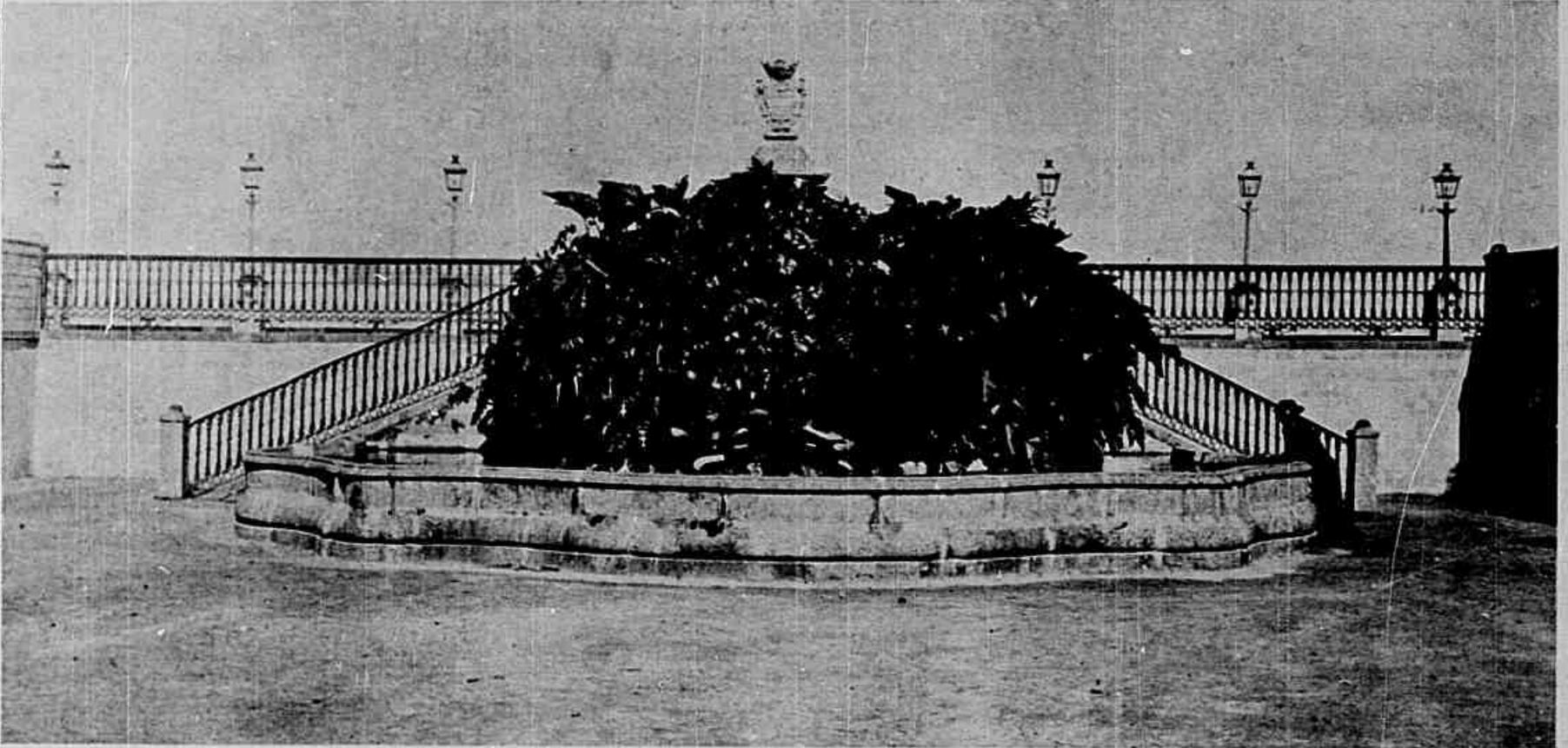
(5) Estão no Jardim Botânico. O director desse jardim, o dr. Barbosa Rodrigues, salvou-as, por esse modo, do abandono a que seriam irremediavelmente condemnadas, depois de apeadas dos muros da fonte, cujo desenho pertencia a Valentim.

(6) Essas estatuas teem sido victimas da administração do templo. Houve uma época que foram pratêadas, quando a igreja passou por uma caiação; em outra época, após nova caiação, pintaram-n'as de azul celeste e, actualmente, depois de uma pintura a oleo que se procedeu na fachada, estão bordadas de amarello escuro, como os capiteis das pilastras e columnas, que são tambem de marmore!

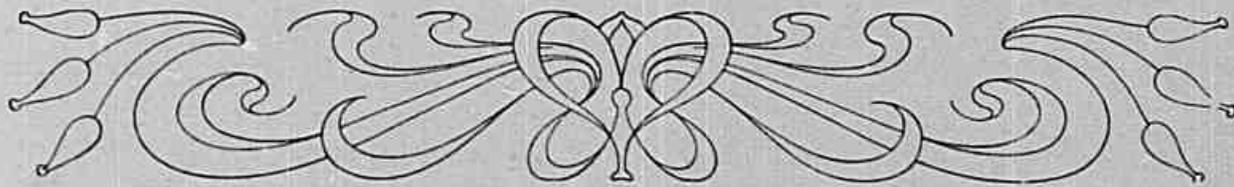
masiada singeleza que attinge ao desgraçoso como nos paineis lateraes da Capella-Mór; ainda que o artista, timido por condição social e suffocado pelos rigores educativos como oppresso pelo rude viver do seu tempo, talhasse os ornamentos da capella do Noviciado, obedecendo a respeitos e preconceitos, a sua alma e os seus instinctos ficaram nesses arabescos, porque, ainda alli, a toreutica foi a sua

palavra, o seu verso, a sua musica, concretizando, objectivando o que era do seu sentir e do seu sonhar, e por isso tem o quér que seja dos cantares mysticos arrancados, do fundo do coração desilludido, para a bocca tremente de soluços, que são a agonia dos beijos desejados.

GONZAGA DUQUE



PASSEIO PUBLICO — TERRAÇO E FONTE DOS JACARÉS



UM AMOR

IV

sol, vivo e claro, fulgurava e subia, galgando a immensa altura do céu de um azul limpo e fulgido, tão azul e tão limpo nessa manhã diaphana que era como a cupula de porcellana de um Pagode chinês, para cujo centro subissem a dependurar-se bem no meio, como um estranho thurybulo de ouro, enorme e fulgurante, que fosse incensar lá de cima desta sumptuosa basilica de todas as religiões, de todas as crenças, a alma da Terra, invisível e abstracta, celebrando com todos os velhos e sagrados ritos da genesis universal a purificadora missa da Vida! Missa da Paz e do Amor, da terra verde e do verde mar, subindo para o Creador, cheia de sonhos e de esperanças, na eucharistia da luz!

Aquellas creaturas simples e emocionaes que o escalér veloz levava por sobre o dorso das aguas através da manhã clara, o espectáculo deslumbrante do ceu e do mar serenos encharcados de sol, embevecia e acordava no peito uma ternura amoravel por todo o ceu, por todo o largo mar!

Para traz iam ficando num tom azulado, as irregulares e onduladas serras da Jurujuba, e a immensa praia, á distancia, já se não via mais, parecendo que as ondas batiam de encontro ás casas, de encontro aos morros, rolando grossas e espumejantes, numa indomavel furia, que a proximidade da barra alimentava com outros e outros novos pelotões de ondas do oceano a pelear contra os continentes nessa lucta cyclopica de milennios.

Agora, com os impulsos mais fortes dos remadores, vencida a resistencia da correnteza que da barra vem quebrar-se na encosta da ilha da Boa Viagem, o escalér rompeu fóra da enseada de Icahy, na farta planura da Guanabara, tomando a direcção do ancoradouro dos navios de guerra, pequenino e fragil, estremecendo todo sobre a funda massa das aguas, fazendo um leve arripio de frio e susto nas senhoras, e no Sr. Gonçalves, que se endireitou melhor no banco.

Mais amplo, muito mais grandioso era o panorama que passaram a ver e quando a embarcação chegou ao meio da bahia, na altura de Villegagnon, não sabiam para que lado olhar, tão formosos eram os aspectos que os seus olhos deparavam.

Nitheroy, de um lado, esguia e chã, pontuada pelo verde das arvores, modorrava ao sol, como uma cidade encantada onde estivesse dormindo somno de pedra, no cerrado e feio casario, a alma colonial, exhausta e escalavrada de tanto repellir os francezes e os tamoyos.

Para o coração da cidade, erguendo-se um pouco acima do nivel commum dos predios, o cruzei-

ro da Igreja-matriz de S. João Baptista, no meio de duas meias torres sujas, abria os braços para a santidade da manhã, num ar triste e frio, como uma tosca e apressada cruz que mãos afflictas e piedosas tivessem levantado aos pés do cadaver de um pobresinho.

Mais para o oriente, apontando para o sereno céu como uma promessa sem fim, subia alta e direita para o azul, emergindo da larga mancha verde da folhagem, a torre da Igreja de Sant'Anna, desamparada e só na consciencia do seu dominio sobre toda a planicie de Nitheroy, coroada lá bem em cima, no ápice, na pontinha branca, de um pequenino sol a arder na refração da luz!...

E ao fundo os morros, sempre os morros, nem altos nem muito baixos que a vegetação veste de uma tunica verde-escura, clareando um pouco para a chapada do S. Lourenço, o mais elevado d'entre elles.

Em baixo, no littoral, a vista pouco descortinava; percebiam-se apenas o caes corrido ao longo da praia, e no meio, bem no concavo da enseada-sinha que fica entre a ponta da Armação e o forte Academico, numa brusca solução de continuidade, o amarellão forte do baixo e esparramado casarão, outr'ora Mercado e hoje quartel de um corpo do exercito.

Na praia de Gragoatá, semeada de *flamboyants*, a capellinha de S. Domingos, levesinha e elegante na sua construcção moderna de templo de fé galante, refulgia risonhamente côr de oca pallida e nova.

— Como está bonita a *cidade!*

Voltaram-se todos a essa exclamação do Sr. Gonçalves, que fitava o panorama lindissimo da capital do Brazil—a cidade—como sempre dizia, no velho habito dos moradores dos arrabaldes do Rio de Janeiro.

O ex-negociante tinha uma caricia doce nos olhos para aquelle enorme mólho de casas desiguas em cujo seio vivera desde a adolescencia, mourejando e soffrendo resignadamente as mais duras canceiras de caixeiro de armazem, os máus tratos dos asperos patrões d'aquelles tempos, sem um dia de descanso, levando taponas, apanhando pontapés pelo menor descuido, alimentado pela ancia de ser dono de casa um dia, de ser patrão, de poder mandar para a sua aldeia uma pensão maior para a mãesinha que lá ficara, a chorar, fígada na soleira da casita pobre, rodeada de duas irmãs mais novas do que elle, a chorarem, tambem, as pobresinhas, tão pobresinhas que nem tinham camisinhas em que enxugassem as lagrimas.

Fizera-se homem, ganhara o que tinha naquella colméa humana, que ligava agora, por uma forte corrente de amor, á sua terra natal. Se estivesse contemplando a aldeia onde nascera não o faria com mais ternura no olhar nem mais commovido teria pronunciado uma phrase equivalente á que fez todos voltarem-se para o lado da vasta capital, de aspectos differentes.

— Está linda, sim — disse Carlotinha, pondo-se quasi de pé no barco, numa irradiação viva de alegria e de entusiasmo.

E estava linda de facto. O sol, ainda baixo no horizonte, batia de chôfre sobre os predios, reverberando fortemente nas paredes brancas, nos vidros das janellas que refulgiam em tons cambiantes, vermelho, azul, côr de laranja, verde claro, numa offuscante irradiação de malacacheta e de metal polido. Numa janella da praia de Santa Luzia um vidro refrangia com tanta força a luz que era um grande brilhante sem preço e sem origem!

As casas confundiam-se, alastravam-se por toda parte, numa desordem sem nome, numa disformidade de tamanho e de altura como se as tivessem feito da noite para o dia, na pressa atordoadora de agasalharem uma grande população desabrigada. Trepavam, penduravam-se pelas abas dos morros, parecendo a cada momento irem perder o equilibrio e rolarem morro abaixo esmagando e matando tudo quanto encontrassem!

No meio de tamanha confusão uma só coisa perdurava—o verde. O verde da vegetação, indomável, indestructível, invencível á mão do homem, apparecendo sempre, insinuando-se na menor fresta, e, até mesmo, rompendo dos telhados! Verde glorioso que quanto mais querem envelhecer esta Patria mais elle protesta e patenteia a sua força e a sua juventude!

Repararam na grande quantidade de Egrejas pelas muitas torres erguidas desde lá do fundo até cá, ao mar.

Primeiro as da Egreja do Sacramento, bem altas, quadradas; as de S. Pedro e Bom Jesus; as torres cobertas de porcellana e o zimbório da sumptuosa Candelaria, largo, achatado como um zimbório de mesquita ottomana.

Pouco abaixo as duas torres da Cruz dos Militares, torres finas, acabando em ponta de agulha; as da bella Egreja do Carmo, altas e vistosas, fechando em fórmula de cupula; e ao lado a antiga capella Imperial elevada a Cathedral na Republica, com uma unica torre larga e baixa, desproporcional como um anão gordo! Egreja sem feitiço, desageitada, com o immenso desleixo de gosto e de limpeza de todo o segundo reinado. E mais torres e outras mais por todos os cantos.

Á esquerda, apinhada de construcções, cada qual do seu geito, descendo pelas encostas, alastrando-se para todos os pontos, o morro do Castello fazia lembrar uma arvore gigantesca cujas raizes fossem furando a terra e brotando, e assim cobrisse de ramos e frondes toda a extensão de um terreno escampo! Descobria-se bem o pateo do observatorio astronomico com a grande rotunda giratoria do telescopio e na eminencia do morro o mastro dos signaes maritimos com a flammula no tópo de vapor do sul, á barra, e, cá na frente, o convento dos frades Franciscanos e as muralhas das antigas fortificações de Mem de Sá. E foi d'aquella fonte de Força e Fé que a cidade brotou como uma floresta emmaranhada e brava!

Pelo caes, da ponta de Santo Antonio, onde fica o sujo e inconcebível edificio do Arsenal de Guerra, para a parte de dentro da bahia, havia apenas casarões feios e pesados. A praça do mercado, a Alfandega, ou antes, a successão horrível d'aquel-

les armazens desiguaes, feitos conforme as necessidades de momento, augmentados aqui, puchados acolá, uns sem janellas, outros com janellinhas de prisão, emfim magnifico amontoado de combustivel para um fogo bemfazejo...

Depois para lá era o arsenal de marinha... e a vista não abrangia mais; estacava no mosteiro de S. Bento, sobre a collina, e na ilha das Cobras, que fechava, com os seus velhos baluartes de defesa, o circulo da visão.

Já não tinha a mesma feição desagradavel a praia de Santa Luzia. Ahi o caes corre desimpedido, pois apenas se vê uma ou outra casa de banhos, o Passeio Publico mais adeante, todo o caes da Gloria, e lá sobre o outeiro, graciosa e branca, como uma garça, a tradicional capella de N. S. da Gloria sorria como nas paginas romanticas de Alencar.

E o caes continuava para além, pela praia do Russell até perder-se de vista, muito ao longe, na abertura da enseada de Botafogo; e, depois o perfil duro e nú do Pão de Assucar, lembrando um Atlas que estivesse escorando com o hombro toda a cordilheira da Serra do Mar, que se vae afastando da costa, internando-se, toda enrugada, cheia de corcôvas, apertando a cidade contra o mar, avançando sempre, cercando toda a bahia de uma alta muralha, pôde-se dizer, de granito.

As duas senhoras demoravam os olhos nas eminencias mais conhecidas da serra: na Gavea, no Corcovado, na Tijuca, nos pontos, emfim, onde já tinham feito passeios, chamando a attenção uma da outra para este ou aquelle logar.

—É magestosa esta serra! Parece ter sido feita de proposito para separar o Rio de Janeiro do interior do paiz. Como que deve haver, para além daquellas montanhas, uma vida differente da nossa, que nada tem de commum connosco...

—E a senhora tem razão, D. Amanda. O Rio de Janeiro é o cosmopolitismo, é a ambição de fortuna de creaturas, talvez, de todas as nações da terra, cada qual querendo vencer e dominar pelo dinheiro e pelo luxo, de qualquer maneira e por qualquer preço. E' um pedaço do Brazil, mas não é o Brazil. Acima daquellas montanhas, não. Para lá é a nacionalidade, é a Patria com a sua caracteristica, com o seu modo de ser intrinseco; com um povo que é verdadeiramente brasileiro, que não entende de cambio nem de modas, mas que sabe perfeitamente o que é amor de patria. Para lá é que é o colosso, é que é o Brasil e d'alem d'aquellas serras é que ha-de vir a raça dominadora com as energias e os ideaes de um grande povo manso e forte, concluiu o official.

O escalér navegava já muito proximo dos navios de guerra e os seus passageiros alongavam a vista em todas as direcções no desejo de não perderem nada de tão bello espectáculo.

Forçando a barra, alto e negro, um transatlantico chegava estendendo uma larga facha de fumo espesso, e, em varios sentidos, lanchas do serviço do porto passavam silvando, e pequenos barcos de pesca e falúas de compridas velas nesgadas, pandas da aragem fresca, desapparecendo aqui e ali

por traz dos vasos de guerra, cruzavam com as barcas que ligam as duas cidades fronteiras num continuo vae-vem, para lá, para cá, rasgando o mar com as suas rodas pesadonas.

De repente um cantar de sinos veiu de terra, rolando pelo ar, numa alleluia de sons alacres que, apesar da distancia, ainda eram nitidos, espalhando uma viva alegria christã de templo em festa. Eram os sinos da Igreja de S. José repicando uma valsa pelo fim da missa de domingo. E os sons vinham e ficavam adormecendo no ar, adormecendo, qual se os novos sons viessem, como uma esponja, a pouco e pouco apagando os primeiros que morriam de todo na farta riqueza do ouro do sol, envolvendo tudo, as cidades, as ilhas, os montes; vindo do céu, cahindo sobre a terra, sobre o mar numa significativa expressão de que é bem esta a terra promettida!

Uma ampla nuvem de sonho empolgou-os então. Commovidos pareciam não se verem como se cada qual alli estivesse só com os seus pensamentos. Para o moço official era como o desabotoar de uma aurora nova, mas num lugar muito seu conhecido, que elle via quasi todo o dia, pelas mesmas horas matinaes, enlevado e embevecido, da amurada do seu navio.

Aquelle largo e bello panorama elle já estava farto de conhecer, de admirar, mas parecia-lhe naquella hora que havia alli detalhes desconhecidos para elle, traços que ainda não havia percebido, tons que se diluam, que se aclaravam salientando bellezas até ali imperceptiveis! Tudo aquillo surgia-lhe agora como uma tela velha e familiar sobre a qual tivessem passado uma camada de verniz novo que lhe abrisse as côres e os effeitos!... Até o proprio mar dir-se-hia que se tornara mais macio, que se ameigava para que o escalér escorregasse sem um abalo!...

Talvez achando a explicação de tamanho encanto os seus olhos passaram docemente pelo rosto do de D. Amanda, numa funda expressão affectiva e foram olhar fixos e ainda mais doces os grandes olhos de Carlotinha, que não se perturbaram.

D. Amanda, esta sim, foi quem se perturbou e, num disfarce, voltando a cabeça, disse:—Estamos chegando.

O escalér navegava entre os navios de guerra. Uns grandes, formidaveis, cheios de castellos e torres apontando para todos os pontos compridos canhões reluzentes de boccas amordaçadas por uma tampa de metal amarello. Outros menores, esguios, cruzadores velozes de quilhas finas, promptas a vararem as grandes aguas do mar sem fim.

Chegaram. O escalér foi encostar junto á escadinha de bordo. Um marinheiro, de pé, segurou-se á escada para que o barco não se afastasse e, ajudados pelo official e pela tripulação, os visitantes subiram ao portaló do navio.

Esperava-os ali o official de dia, um 1º tenente muito camarada de Alvaro, com sua esposa, que viera iogo cêdo afim de estabelecer um ambiente mais familiar ás senhoras, e mais um guarda marinha. Eram os dois unicos officiaes de serviço á bordo, naquelle domingo. As apresentações foram

feitas entre beijos e sorrisos das senhoras e pesados apertos de mão do Sr. Gonçalves. Ficaram algum tempo parados, em grupo, conversando no tombadilho para desentorpecerem as pernas e depois, começaram a visita ao navio numa curiosidade feminil indagadora e palreira, com exclamações de D. Amanda e Carlotinha, que não cessavam de admirar o empenho do homem em se associar á Morte para o seu proprio exterminio.

O Sr. Gonçalves tambem perguntava, indagava, batendo com os nós dos dedos sobre os canhões, como se entendesse de temperas de aço, com um mover miudo de cabeça, apertando os olhos num ar de approvação, de quem está dizendo:— Isto sim! Isto é que é solidez! Isto é que é uma peça capaz de resistir a um milhão de disparos!

E na sua imaginação aquelle cruzador de guerra de moldes novos, armado por todos os lados de artilharia moderna, de metralhadoras e canhões de tiro rapido, crescia, crescia, transformava-se num grande couraçado de altas torres e fortes mastros militares, atopetado de boccas de fogo, e estendia-se, desdobrava-se numa porção de navios de toda a especie, numa poderosa esquadra indo de nação em nação, de porto em porto, conquistando, apoderando-se de todo o resto da terra, fluctuando aos quatro ventos, dominadora e ovante, uma bandeira cujas côres se confundiam, que ora era do Brasil, ora de Portugal, que elle mesmo não sabia si era do paiz em que nascera ou se desta terra que elle amava e queria tanto quanto a sua patria.

O bom do homem passou a mão sobre os olhos como que tirando da retina aquelle sonho de poderio, concluindo mentalmente:—O Brasil, o Brasil é que devia conquistar o mndo. E' novo e grande e depois são nossos filhos. E ficou a olhar para todos num ar de pasmo, receioso que lhe tivessem percebido o pomposo e desregrado Sonho.

Terminaram a visita ao navio. Tinham percorrido tudo de vagar, minuciosamente, demorando-se na sala de armas, no salão nobre, na casa das machinas, numa admiração viva pela extraordinaria limpeza, pelo brilho dos metaes faiscantes.

—Realmente é preciso muito trabalho para trazer tudo isto assim limpinho!

—Trabalha-se desde o romper do dia, D. Amanda. Pelo amanhecer já os marinheiros estão a lavar, a baldear, a polir os metaes num labutar sem treguas. Os marinheiros, concluiu o tenente Alvaro, são verdadeiras machinas de trabalho.

Iam assim conversando; os officiaes dando explicações sobre as coisas que viam, como se chamavam, para que servissem, como se manejava este ou aquelle aparelho, tudo numa linguagem comprehensivel.

O guarda-marinha, um rapazinho fino de cabelo rente e rosto comprido, é que as vezes entrava numa explicação mais detalhada, com termos technicos que as senhoras e o Sr. Gonçalves não comprehendiam e que faziam sorrir os dois outros officiaes.

Quando começaram a almoçar o dia ia alto. Alto e quente, numa tremura viva de luz crepitante sobre a toalha das aguas com relampagos de ouro e fogo.

A conversa animava-se, cada vez mais cordial, mais expansiva, sem preconceitos cerimoniaes, de uma intimidade jovial, com risinhos das senhoras, principalmente da esposa do official de dia, uma moça gordinha e morena, de olhos muito pretos, de um preto de velludo, macio e quente, muito risinha, com a fita escarlata dos labios sempre mal cerrada, os dentinhos brancos apparecendo, como se o habito de sorrir já não a deixasse fechar completamente.

D. Julia, Julinha como a chamava o marido, era bem dessas moças de educação carateristicamente brasileira; muito simples, muito dada, fazendo-se logo velha conhecida, francamente, sem calculos, no desejo de ser útil, de ser amiga. Já tratava Carlotinha por — tu — e durante a visita ao navio muitas vezes tinham andado de mãos dadas, gracejando, sorrindo.

Para D. Amanda é que tinha certa deferencia; deferencia que a idade, a condição de viuva e o porte mais de senhora que tinha D. Amanda, impunham.

O Sr. Gonçalves estava pegado com o jovem guarda-marinha, discutindo animadamente os dois altas questões politicas. Aventurara-se nessa discussão por ver no contendor um mocinho imberbe, uma creança para elle e animava-se sustentando as suas asserções sobre o Brasil, sahindo da habilual timidez que mantinha entre pessoas que reputava illustradas.

— Quer saber, meu caro amiguinho, porque este paiz anda á matroca?... É porque ninguem se entende! Todos mandam, todos gritam, todos querem ser presidentes da Republica. E como não quer o Sr. que todos andem malucos depois do que fizeram com aquelle pobre velho, com o bom Pedro II?

— Ahi está, ahi está o mal da Republica, fique o Sr. sabendo; foi o sentimentalismo piegas, a condescendencia que houve no dia 15 de Novembro. Fizeram uma republica de compadres a que todos adheriram e da qual todos foram chefes, e d'ahi a balburdia, a falta de direcção na politica do paiz!

O guarda-marinha tinha dito tudo isto de um folego só e em vóz tão alta que dominou a conversa que se tinha estabelecido entre as outras pessoas, fazendo-as calar e olhar admiradas para os dois adversarios.

— Bravos, disse o tenente Alvaro, o Sr. hoje está animado, está discutindo com calor as graves questões da patria.

O guarda-marinha olhou triumphantemente para as senhoras como se tivesse dito coisas extraordinarias sobre a historia da Republica, repetindo o que todos os dias lia pelas gazetas, e o Sr. Gonçalves, apanhado assim em flagrante delicto de eloquencia politica, ficou cõr de lacre e abaixou os olhos envergonhado.

O tenente Alvaro comprehendeu que tinha creado uma situação desagradavel para o Sr. Gonçalves e como lhe votava sympathia, procurou desmanchar o effeito da sua intervenção na contenda mostrando interessar-se por ella.

— Mas o que diziam os senhores?

O Sr. Gonçalves levantou pesadamente a cabeça, e sem olhar para ninguem, começou:— Eu, eu dizia que... que...— e a phrase engasgava-lhe fazendo-o ficar vermelho.

O guarda-marinha continuava a olhar triumphantemente, gozando aquelle embaraço como si elle fosse filho da sua contestação vehemente.

— Eu percebi o que estavam discutindo, disse o marido de D. Julia que se sentara mais proximo dos dois contendores. E num instante poz o tenente Alvaro ao facto da discussão, terminando emphaticamente:— Creio que era essa a pedra angular sobre a qual os senhores batiam o forte malho das dissensões politicas.

O tenente Alvaro então com o mesmo ar de de graça que fazia sorrir as senhoras e de maneira que não houvesse para os contendores motivo de constrangimento observou:

— Srs., nós tivemos uma Republica meã, sem herões porque não appareceram adversarios para combater, sem vencidos porque afinal todos entraram na transacção: adheriram; isto é, não quizeram perder o interesse que tinham no negocio e os republicanos acceitaram essas adhesões para se garantirem por sua vez. Foi uma acção de heroismo que acabou em patuléa, máu grado aquelles que eram realmente republicanos. E reparando que as suas palavras contentavam aos dois discutidores, que o olhavam sorrindo satisfeitos, arrematou:— Foi uma Republica feita entre expansões de alegria, como as republicas de estudantes, e que faz sempre a gente rir, como nós estamos sorrindo quando se fala na sua fundação; mas está feita e havemos de sustentá-la.

— A todo o transe... — disseram juntos os dois outros officiaes.

Restabeleceu-se de novo a conversação geral e acabado o almoço foram para o salão esperando pela tarde para regressarem.

Pelas cinco horas despediram-se. D. Julia ainda ficava, iria com o marido mais tarde quando chegasse o official que devia substituí-lo, offerecendo muito a casa, insistindo:— Olhem, não se esqueçam, Fabrica das Chitas... — ainda dizia ella do portaló para as duas senhoras já no escalér, que se affastava.

Ao entrarem na enseada de Icarahy voltaram-se para ver ainda o cruzador que lá ficara parado garbosamente sobre a Guanabara calma. No poente um incendio lavrava queimando um palacio phantastico feito de nuvens.

O fogo do sol morrente subia pelas columnas de marmore fulvo, devorando, derrocando todo o vasto edificio. E o sol mergulhava e de subito desapareceu por trás dos altos montes.

No céu ficaram apenas restos do incendio, nuvens d'oiro e purpura e para mais longe um roseo vivo e depois mais claro, mais claro, extinguindo-se completamente onde o céu era já de violeta desmaiada...

Capitulo de um romance.

EMILIO KEMP.